

## *Aare anchoring*

Paralelamente ao fluxo cultural proposto e ao percurso que lhe está associado, desenvolve-se um outro alternativo mais relacionado com as margens do Rio Aare. Procura-se uma valorização deste espaço verde bem como das ruínas da muralha e torre medievais (Langmur e Blutturm).

Este percurso a que se refere desenvolve-se sensivelmente desde uma pequena praça que sucede o Museu de Arte e antecede o conjunto de edifícios do Drogenanlaufstelle, passando por baixo da Lorrainebrucke em direcção à grande praça, que já foi explicitada anteriormente, e ao edifício do Reitschule. Como se pode ver, estabelece-se uma relação com a cota intermédia da cidade em diferentes pontos da proposta, interligando-os numa cota mais baixa, funcionando como um momento de transição para o nível das margens e do Rio Aare.

Assim, tratando-se de diferentes cotas e desníveis, assume-se fundamental pensar nos seus acessos. Escadas, rampas, tapetes e escadas rolantes garantem a acessibilidade a todo o tipo de utilizadores do espaço, incluindo os com mobilidade condicionada. Contraria-se desta forma uma possível discriminação e segregação que o percurso poderia originar.

A partida poderia pensar-se que estes acessos causariam um grande impacto visual na paisagem, o que de facto aconteceria se fossem simplesmente colocados no território. No entanto, estes acessos integram-se num território que é escavado para os receber, o que minimiza o impacto visual que eles próprios causam.

Um outro aspecto importantes em relação ao percurso, é que ele não procura simplesmente ser um momento de transição. Ambiciona mais. Quer despertar curiosidade, ser vivido e explorado por ele próprio, pelas características que tem e pelo que proporciona.

Propõe-se então um programa de algumas lojas que se distribuem ao longo do percurso, um café/restaurante miradouro e instalações sanitárias públicas de apoio aos utentes, que, espera-se, atraia as pessoas para experienciarem próxima e intimamente a natureza. Conferir vida ao espaço e proporcionar um contacto directo e multissensorial (visual, olfactivo, auditivo e táctil) com o meio ambiente é o que se pretende.

Para além disso, o percurso estabelece uma relação particularmente especial com o Museu de Arte, já que, quer o programa como a configuração e desenho do espaço, estão pensados como complemento e prolongamento ao referido museu, aproveitando a sua influência e as dinâmicas que ele próprio gera.

Assim, longitudinalmente, relaciona-se com as lojas e o café/restaurante, que se implantam e integram no território respeitando a sua morfologia e a natureza. Transversalmente (em direcção ao rio), tira partido da muralha e da torre medievais, incluindo-as num percurso histórico de visita. Para

isso, propõe-se a criação de um funicular que se desenvolve paralelamente às ruínas da muralha e atravessa cuidadosamente a arborização existente, permitindo apreciar um fragmento da história da cidade bem como as múltiplas vistas diagonais sobre o Rio Aare, que se apresentam banhadas pela qualidade surreal da luz que é filtrada pelas copas das árvores (fig.29). Propõe-se simultaneamente a reformulação das actuais escadarias que ladeiam as ruínas da muralha, de forma a proporcionar um contacto mais directo e próximo com as mesmas. Denota-se assim, dois tipos de acessos à cota das margens do rio e dois tipos de experiência das ruínas, uma mais visual e outra mais táctil, em que ambas se complementam, e ainda uma preocupação com os indivíduos de mobilidade condicionada para que possam tirar o máximo de proveito das virtudes que o lugar proporciona.

Ambos acessos à cota inferior desaguam na torre medieval (Bluturm). Pretende-se com isto, a reabilitação e valorização da mesma como um espaço histórico e expositivo pertencente ao Museu de Arte.

Propõe-se ainda mais dois tipos de acessos às margens do rio. Um mais extenso e demorado em forma de rampa, que proporciona uma experiência espacial mais rica e estimulante aos sentidos, e um outro vertical e mais directo, que exige um menor esforço físico devido à utilização de meios mecânicos (elevadores).

Relativamente ao primeiro, a rampa vai se desenvolvendo suavemente ao longo da pendente, deambulando pelo espaço e proporcionando uma experiência táctil, olfactiva, sonora e visual da natureza próxima, e adicionalmente uma experiência visual das vistas mais amplas sobre o leito do rio, tirando partido de espaços de descanso e de miradouro.

No segundo caso, existe o aproveitamento do elemento de ligação existente à cota alta (ponte rodoviária), a partir do qual baixam/sobem dois elevadores que fazem a ligação às duas margens opostas do rio. Valoriza-se assim, a própria ponte como elemento forte de marcação do espaço, e adopta-se uma atitude pragmática, de economia de gestos, atitudes e recursos. Formalmente, este funcionamento assemelha-se a um pórtico.

Relativamente ao percurso marginal ao rio, pretende-se que este favoreça a continuidade das dinâmicas (principalmente desportivas) que se verificam a montante, não se constituindo uma barreira a elas. Para isso, e tomando como referência a proposta *Parc Paysager des bords de Seine* dos ateliers AWP & HHH em Carrière-Sous-Poissy (figs.27 e 28), propõe-se a criação de pequenos *follies* de equipamentos (cafés/restaurantes, esplanadas, balneários públicos, loja, salas de exposição, espaços de apoio à prática desportiva), os quais estimulam o fluxo de pessoas ao longo das margens.

Poder-se-ia pensar que o espaço resultante da intervenção proposta, não se apresentaria seguro, antes pelo contrário. No entanto, um programa deste género garante uma segurança e controlo natural

do espaço, já ao atrair pessoas, gerar e estimular actividades, movimento e vida tanto durante o dia como à noite, os próprios utilizadores fazem uma vigilância natural do espaço.

Assim, cria-se uma atmosfera serena, segura e inspiradora, uma oportunidade para a vivência e partilha do espaço, “(...) um lugar onde não terão de correr e procurar a porta” (Zumthor, 2006a, p.45) e que encoraja novas experiências por parte de toda a sociedade. De facto, é reconhecer que “(...) quanto mais perto da natureza o homem se encontrasse, mais aumentaria e se expandiria o seu bem-estar pessoal, espiritual e até físico, em consequência directa dessa associação” (Pfeiffer, 2002, p.29). Assim, este espaço de excelência para se estar necessita simplesmente de ser dotado das características e equipamentos para que seja efectivamente vivido e aproveitado como tal.

**Figs.27/28** *Parc Paysager des bords de Seine*, em Carrière-Sous-Poissy, dos arquitectos AWP & HHF. Planta de localização e imagem virtual da intervenção.

**Fonte** Imagens da autoria de AWP-HHF, Sbda (2011a e 2011b).



**Fig.29** Perfil ilustrativo da ligação com as margens do Rio Aare, da valorização das fachadas dos edifícios da envolvente e do fechamento em relação à cidade da linha ferroviária.

Fonte Elaboração própria.



## ***Functional anchoring***

Organiza-se a vida urbana tendo em conta três grupos de utilizadores do espaço, que se distinguem pela utilização que lhe conferem e pelo momento e duração (temporalidade) dessa mesma utilização. Assim, destacam-se uma comunidade permanente de residentes que efectivamente vive na cidade, outra de trabalhadores semipermanentes que viajam diariamente desde a sua casa até ao seu trabalho, e por último uma mais de visitantes esporádicos e turistas.

Até este ponto da proposta, denota-se ainda uma carência de soluções que responda às necessidades principalmente dos utilizadores semipermanentes. Assim, com o intuito de suprimir as necessidades reveladas por este grupo, uma outra dinâmica é criada ao nível de cota intermédia e dominante da cidade.

Esta dinâmica relaciona-se com o interface de transportes, nomeadamente com a central ferroviária e rodoviária, com as universidades que se localizam nas proximidades da zona de intervenção e com a zona residencial de Alpenegg. Existe assim uma preocupação em proporcionar as condições, o ambiente não só funcional mas também estético para o quotidiano das pessoas que trabalham e passam por esta zona da cidade.

Como já foi analisado, nesta zona passa um elevado número de pessoas. Denota-se isso mesmo pelo carácter fortemente marcado das infra-estruturas viárias, nomeadamente da Bollwerk e da Neubruckstrasse, que se constituem um ponto de entrada/saída na cidade.

Porém, a intersecção destes dois arruamentos constitui um dos pontos de conflito mais graves a resolver. É confuso, anárquico e incompreensível. Por isso, propõe-se a reformulação e reorganização da Neubruckstrasse, incluindo nela as faixas de rodagem da Schutzenmattstrasse, a qual foi fechada ao trânsito motorizado, de forma a estabelecer claramente uma ordem e hierarquia viária que permita o correcto funcionamento do cruzamento resultante da intersecção entre ambas. A clarificação deste cruzamento vai inclusivamente potenciar a valorização, ocupação e vivência de algumas fachadas de edifícios históricos que se encontram frontalmente a este (fig.29). Estas assumem-se como o pano de fundo da rua, confrontando-a, configurando-a e delimitando-a. Transformam-se elas próprias em figuras (não isoladas) participantes do espaço público, já que estabelecem uma íntima relação de conjunto, quase que um diálogo, com ele (fig.30).

“En la ciudad las arquitecturas parecen ayudarse unas a otras para sobrevivir a la incomprensión y soledad del edificio único e irrepetible. Por separado no son nada si no se atende a su mutua compañía.(...) Es el conjunto de estas relaciones el que tiende la mano hacia algo que falta y proporciona la atmósfera y el ambiente que percibimos en cada ciudad.”

(Siza e Santos, 2007, p.24)

Ainda sensivelmente nesta intersecção entre a Bollwerk e a reformulada Neubruckstrasse, propõe-se um novo edifício respeitando o alinhamento dominante da envolvente (inclusivamente ao nível da cércea). Formalmente, o volume funciona como remate aos edifícios que lhe antecedem, constituindo a continuação da frente urbana existente. Por outro lado, o seu posicionamento relativamente à linha ferroviária, permite também a marcação do limite da mesma, fechando-a da cidade e abrindo-a para as vistas sobre o rio e as montanhas mais longínquas. Assim, proporciona-se, para quem chega ou parte da cidade de comboio, um momento de entrada/saída de um contexto para outro, uma experiência espacial interessante, marcante e completamente distinta (fig.29).

É importante referir ainda que ao nível do rés-do-chão a volumetria deste edifício assume-se completamente diferente da superior. Tendo como referência e exemplo a *Torre Comunitária e Cultural M3A2* em Paris dos arquitectos Antonini e Darmon, dá-se a substituição de massa por espaço (fig.31). A massa é parcialmente escavada deixando unicamente alguns pilares de suporte, com o intuito de proporcionar um espaço de entrada, circulação e passagem, bem como de proteger das intempéries.

A nível programático, este edifício alberga no rés-do-chão cafés/restaurantes e lojas de apoio ao quotidiano das pessoas que lá passam, e nos restantes pisos superiores escritórios *low cost*, que se pretende que sejam ocupados por alunos recém licenciados das universidades e que procurem uma oportunidade de lançamento e ingresso no mercado de trabalho.

Como forma de facilitar o funcionamento da referida intersecção, adopta-se um conceito de *shared space* semelhante ao já projectado e explicitado no arranque da Lorrainebrucke. Assim, reduz-se a velocidade do trânsito motorizado, privilegiam-se as bicicletas e o peões, favorecendo o acréscimo da intensidade e actividade vital no espaço. Proporciona-se o contexto ideal para que os actores (sociedade) possam desenvolver as suas acções, envolverem-se e trocar experiências entre eles.

A utilização deste conceito vai também permitir a melhor relação com a praça cultural anteriormente explicitada, bem como a diluição da expressão da Neubruckstrasse, libertando, desafogando e valorizando o edifício do Reitschule, de forma a poder ser experienciado, apreciado e vivido serenamente a toda a sua volta. Para isto, propõe-se ainda a reabilitação de alguns edifícios que se implantam a nascente deste. “(...) a continuidade que resiste a uma mudança relevante é absolutamente necessária” (Lynch, 1990, p.98). Manter esta continuidade, com as mesmas características formais e simplesmente incluindo um novo programa (salas de leitura e de estudo para apoio às universidades), “(...) é necessária se queremos conservar o valor de uma imagem” (Lynch, 1990, p.99), o valor da história, e conseqüentemente contextualizar e requalificar o espaço que os rodeia.

**Fig.30** *Miracle at San Lio.*  
**Fonte** Quadro da autoria de Mansueti (1494).



**Fig.31** *Torre Comunitária e Cultural M3A2*, em Paris, dos arquitectos Antonini e Darmon.  
**Fonte** Fotografia da autoria de Boegly (2011).



## ***Filling the Eilgut gap***

Tirando partido da organização em *shared space* e consequente prevalência do peão sobre os veículos motorizados, propõe-se a completa reformulação da zona do Eilgut de forma a integrá-la com a restante proposta, ligá-la com a zona residencial de Alpenegg e com a estação ferroviária, ambas exteriores ao perímetro de intervenção (fig.32).

De acordo com a forma da mancha verde que se localiza e chega à cidade vinda de norte, depreende-se que possivelmente ela se prolongava para o Eilgut. Porém, o que restou desta antiga continuidade foi somente o pequeno parque Martinshang, já que a infra-estrutura ferroviária procedeu a uma ocupação massiva do espaço.

Retirando todas essas infra-estruturas actualmente sem utilidade significativa, impõe-se uma reposição dessa continuidade, quer por motivos históricos de lembrança do lugar, quer por motivos morfológicos do terreno, já que este encontra-se claramente descontextualizado provocando um desligamento entre cotas da sua envolvente.

Propõe-se então a criação de uma zona verde de parque, reformulando a pendente do terreno, *filling it* e prolongando-a até ao limite e cota da Neubruckstrasse, alicerçada numa leitura pragmática do território, numa economia de gestos e recursos ponderados e num funcionamento operativo claro. Verifica-se o prolongamento da matriz urbana, do chão da cidade, um enrugamento morfológico do terreno que é protegido pelo copado das árvores (o tecto do parque). A matriz urbana garante a continuidade territorial da cidade, o enrugamento morfológico introduz a noção de distância, de percurso a percorrer, e o copado das árvores diferencia o que é proposto de novo para o local, revelando eixos visuais e volumes arquitectónicos enterrados sob o terreno. É importante ainda referir que a escolha da arborização a aplicar, tem por base as espécies que melhor se adaptam às condições e clima da região, a sua mutabilidade ao longo das estações do ano, bem como uma apetência para a captação de metais pesados e purificação do ar (figs.33, 34 e 35).

Apresenta-se igualmente fundamental conferir outros programas, para além deste de parque e zona de lazer, para suprimir as carências dos utilizadores semipermanentes. Assim, enterrados sob o terreno, surgem volumes arquitectónicos que através do seu programa apoiam estes utilizadores no seu quotidiano. Mais perto da infra-estrutura ferroviária, surge um volume com programa de jardim de infância que permite aos trabalhadores deixarem os seus filhos enquanto trabalham. Do mesmo modo e com idênticos princípios, surge, no extremo oposto, um centro de dia para idosos. Ambos são servidos por um estacionamento subterrâneo, o qual é acedido a partir da actual via (proposta em túnel) de acesso ao estacionamento da central ferroviária, constituindo também um complemento a este.

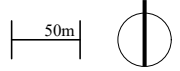
Pequenas praças escavadas no território, antecedem os volumes arquitectónicos enterrados, conferindo um contexto próximo, mais íntimo e controlado para que as actividades destes dois tipos de programa se desenvolvam em segurança. Apesar de em condições distintas, veja-se como referência ao proposto, o projecto dos arquitectos Enota para o *Museu Arqueológico de Ptuj* (figs.37 e 38).

A partir destas, partem também acessos directos, em escadas e rampas mecânicas e não mecânicas, para a central ferroviária e para a zona residencial de Alpenegg, favorecendo o estabelecimento de dinâmicas com estes mesmos espaços. Criam-se assim acessos acessíveis a todo o tipo de utilizadores do espaço, que facilitam a mobilidade e que conduzem as pessoas directamente para os focos de interesse (fig.36). No entanto, propõe-se igualmente a não definição de um percurso delimitado e impositivo na superfície do parque, para, como diz Zumthor (2006a, p.43), “(...) criar um certo ‘vaguear livre’, não conduzir, mas seduzir”.

**Fig.32** Reformulação do Eilgut numa zona de parque.  
**Fonte** Elaboração própria.



**Fig.33** Distribuição da vegetação existente e proposta considerando as estações do ano.  
**Fonte** Elaboração própria.



Spring



Autumn

- FAGUS SYLVATICA (Beech) - 1
- PLATANUS ACERIFOLIA (London platane) - 1
- ACER CAMPESTRE (Field maple) - 1
- ROBINIA PSEUDOACACIA (Black locust) - 1
- ULMUS CARPINIFOLIA (Elm) - 1
- FRAXINUS EXCELSIOR (Ash) - 1
- ACER PLATANOIDES (Norway maple) - 2
- LIQUIDAMBAR STYRACIFLUA (Sweet gum) - 2

- VALERIANA OFFICINALIS L. (Valerian) - 3
- ROSMARINUS OFFICINALIS (Rosemary) - 3

- Lawn - 4
- FESTUCA (Festuce) - 5
- Gravel

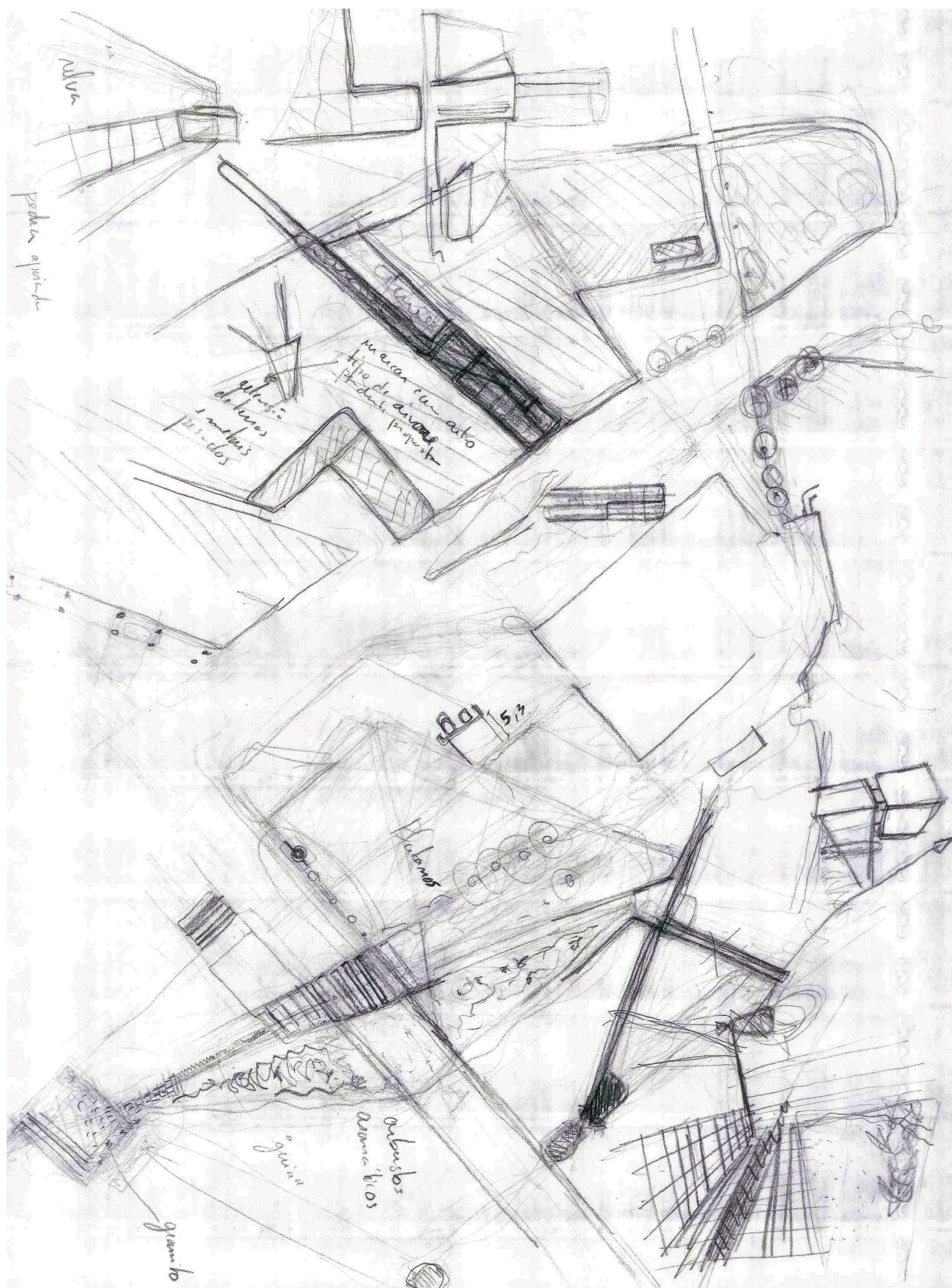
- 1 - Existing species.
- 2 - Use of ACER PLATANOIDES because they are a specie resistant to cold, frost and also do the accumulation of heavy metals purifying the air. Use of LIQUIDAMBAR STYRACIFLUA to contrast their red autumn leaves with the golden leaves of the ACER PLATANOIDES. Both species will mark the proposal.
- 3 - Vegetation of small to medium size (shrubs and herbaceous) with aromatic characteristics for identification and guidance of blind people, and medicinal characteristics to help the treatment of drug addicts and alcoholics (anxiety, appetite, asthma, colic, injury, depression, nervousness, depression, physical fatigue, liver detoxification).
- 4 - Lawn to establish a continuity at the pedestrian level. Lawn with a seed mix adapted to the characteristics of the site, preferably a mixture more rustic with less water requirement. Irrigation system will be automatic.
- 5 - Use of FESTUCA to mark the buildings and also to prevent the movement of people. It is a resistant specie and do not require much maintenance.

- FAGUS SYLVATICA (Beech) - 1
- PLATANUS ACERIFOLIA (London platane) - 1
- ACER CAMPESTRE (Field maple) - 1
- ROBINIA PSEUDOACACIA (Black locust) - 1
- ULMUS CARPINIFOLIA (Elm) - 1
- FRAXINUS EXCELSIOR (Ash) - 1
- ACER PLATANOIDES (Norway maple) - 2
- LIQUIDAMBAR STYRACIFLUA (Sweet gum) - 2

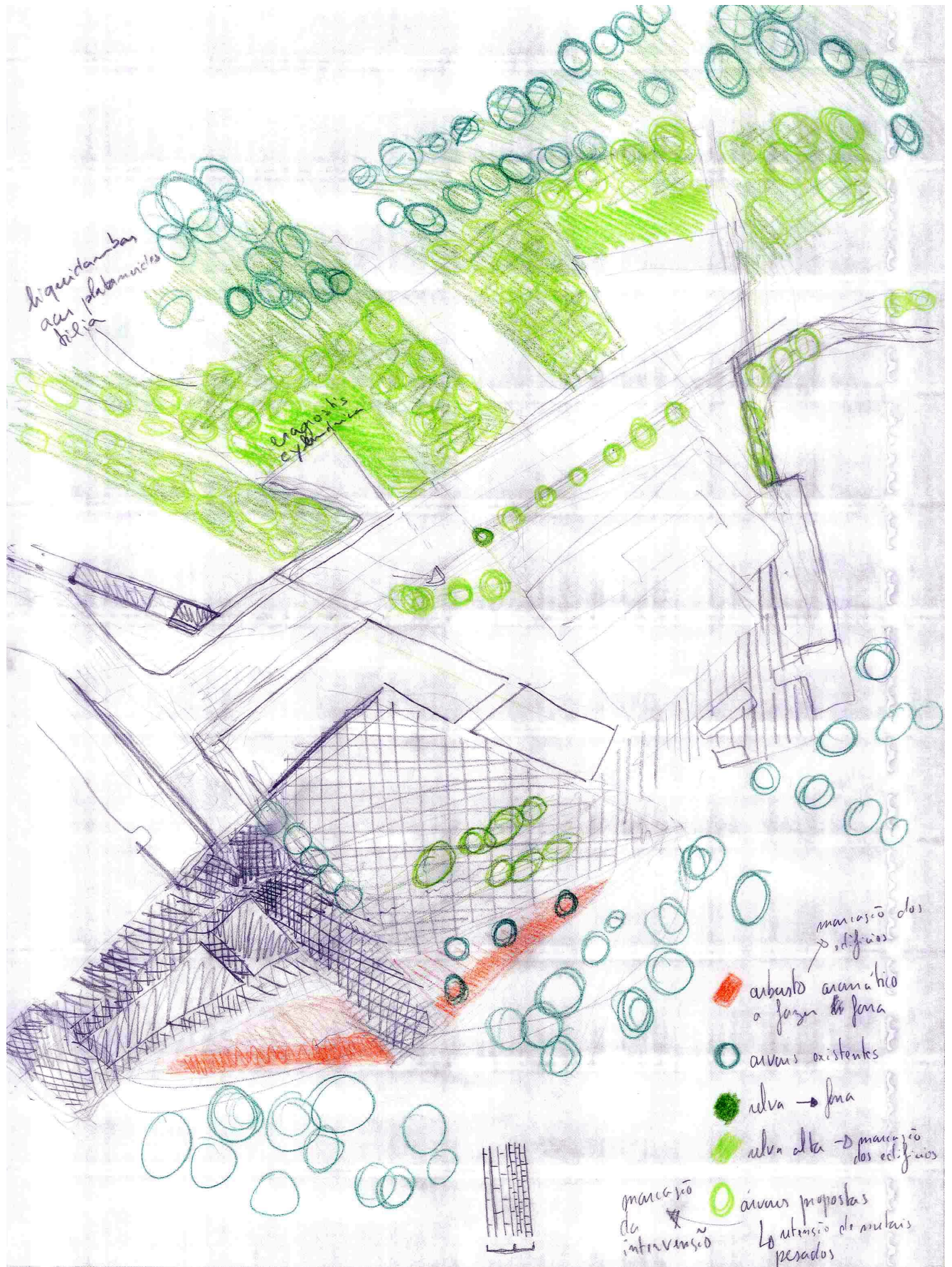
- VALERIANA OFFICINALIS L. (Valerian) - 3
- ROSMARINUS OFFICINALIS (Rosemary) - 3

- Lawn - 4
- FESTUCA (Festuce) - 5
- Gravel

**Fig.34** Esboços com a introdução das preocupações relativas à vegetação.  
Fonte Elaboração própria.

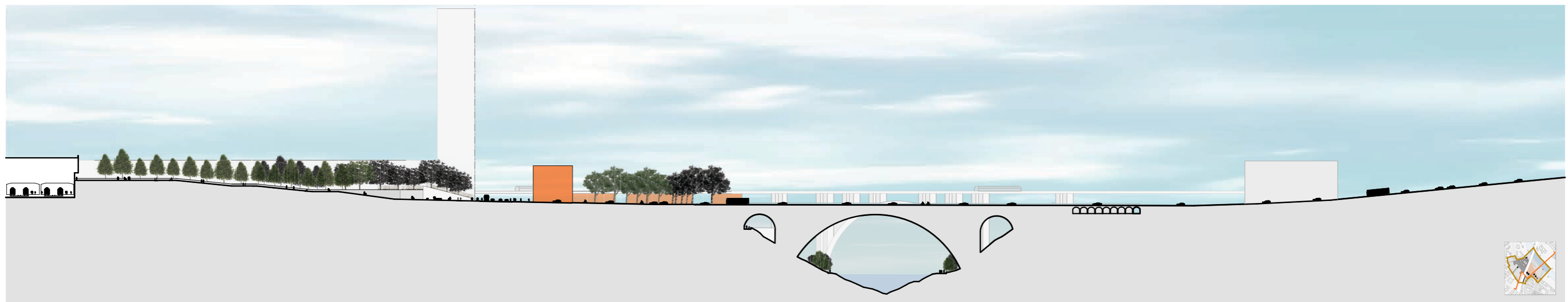


**Fig.35** Esboços com a introdução das cores respectivas da vegetação escolhida.  
**Fonte** Elaboração própria.

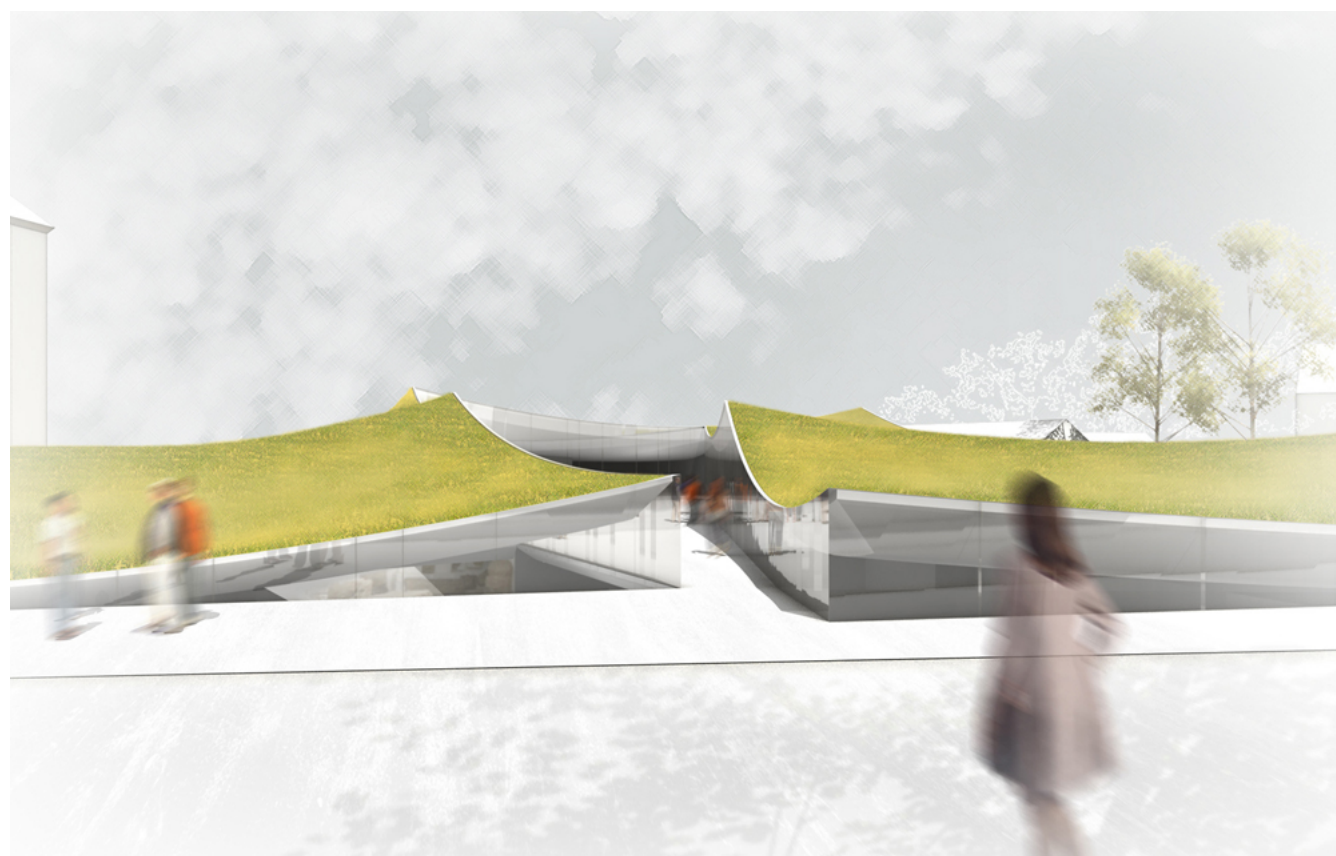
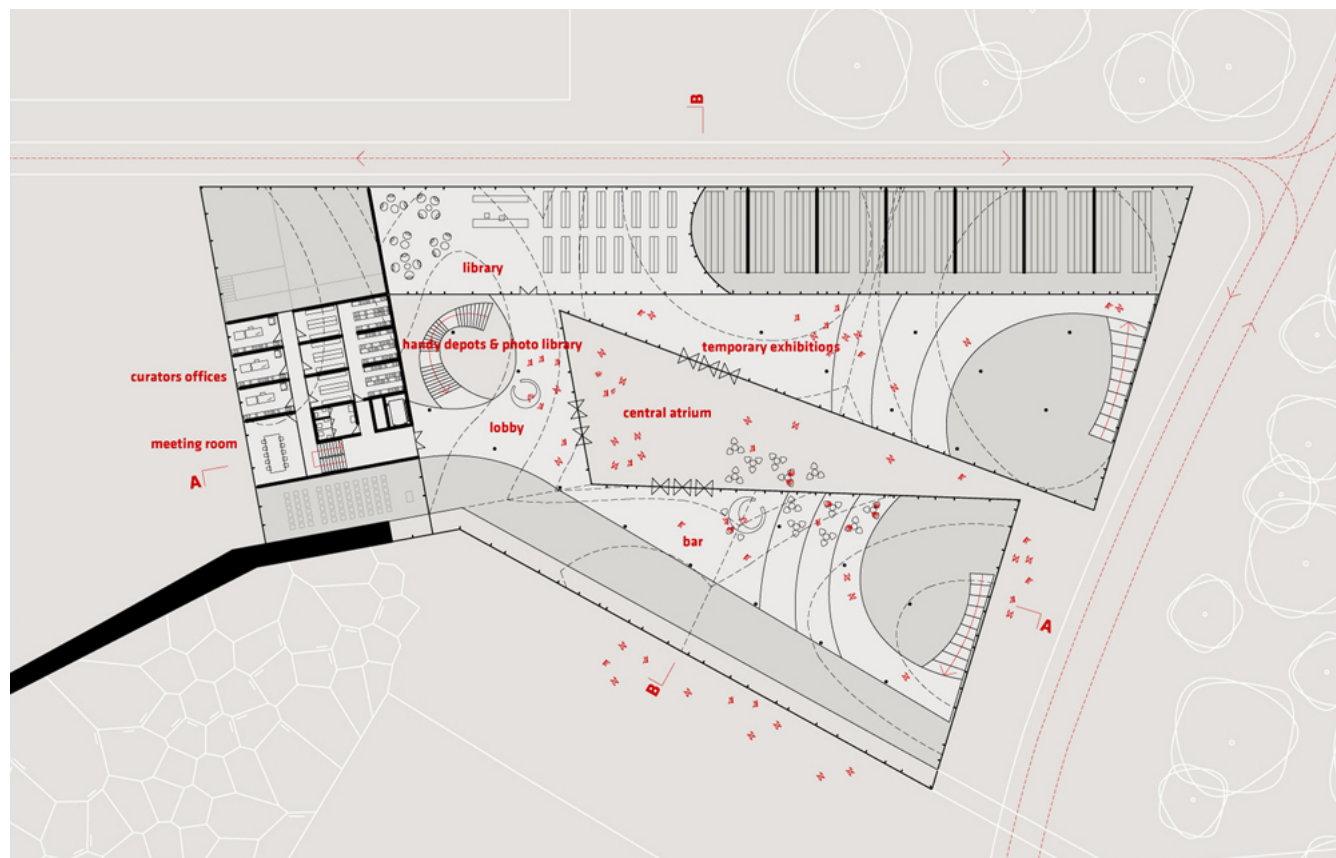


**Fig.36** Perfil ilustrativo da ligação directa com a central ferroviária.  
Fonte Elaboração própria.

20m



**Figs.37/38** *Museu Arqueológico de Ptuj* dos arquitectos Enota. Planta do piso 0 e imagem virtual da intervenção.  
**Fonte** Imagens da autoria de Enota (2011a e 2012b).



## Referência vertical

Ainda nesta zona verde mas não enterrada, emerge e implanta-se uma torre no enfiamento de uma das vias com maior expressão na cota superior de Alpenegg, rematando-a e funcionando como um miradouro.

É importante referir que esta torre é composta na prática por dois volumes com programas distintos, um vertical e outro horizontal. O vertical (com habitação e hotel), pelo seu carácter excepcional enquanto elemento decisivo na silhueta da urbe, torna-se uma referência vertical reconhecível e equiparada ao edifício mais alto de toda a cidade (Catedral de Berna), um objecto auto-referente que ganha autonomia de escala ao ser descontextualizado numa escala do peão, mas contextualizado numa escala urbana (fig.39). Por outro lado, o horizontal (com lojas, supermercados, cafés/restaurantes), surge como um volume mais baixo que vai ter uma relação mais próxima com o nível da rua, contextualizando-se com a escala do edificado próximo. Verifica-se uma conciliação de contrários (fig.40).

Desta forma, a percepção do conjunto dos dois volumes é alterado consoante a posição do observador. Veja-se como exemplo e referência ao que se está a explicar, a *Torre Burgo* no Porto do arquitecto Eduardo Souto de Moura (fig.41). Com este elemento marcante, e em conjunto com o edifício charneira atrás explicitado, mais uma vez, dota-se o espaço de uma especial imaginabilidade.

**Fig.39** Fotomontagem ilustrativa da inserção da proposta na mancha da cidade.  
**Fonte** Elaboração própria.



**Fig.40** Perfil ilustrativo da relação da torre com o Reitschule, bem como os vários pontos de miradouro.  
**Fonte** Elaboração própria.

20m



**Fig.41** *Torre Burgo* no Porto do arquitecto Eduardo Souto de Moura.  
**Fonte** Fotografia da autoria de Alves (n.d.).



## **Cadência de momentos**

Como condição crítica para experienciar todos os espaços ou edifícios referidos anteriormente, apresenta-se fundamental pensar na forma como estes se relacionam entre si e como nos relacionamos com eles. “(...) quando olhamos para uma floresta não vemos apenas as árvores mas também os espaços entre os troncos das árvores” (Muga, 2006, p. 156). Transpondo para a cidade, não vemos somente os edifícios, mas também o espaço das ruas, praças, e todo o vazio restante.

Como se sabe, a arquitectura não é o mundo dos objectos isolados, mas sim o mundo das relações. Por isso, os edifícios interagem, fundem-se e são invadidos pelo interespaço da rua, da praça, de toda a cidade, formando um espaço global que permite a sua experiência, compreensão e vivência. Pensar no movimento e deslocação dos indivíduos é pensar na forma como o espaço se organiza, se torna legível e estabelece relações.

O objectivo consiste então em desenhar esse espaço onde as pessoas irão receber determinados estímulos previamente ponderados, trabalhando o campo experimental do seu utente. Muitas das vezes, recorre-se a uma lógica que constrói a cadência de momentos que compõem o espaço urbano, fazendo com que quem percorre o espaço se vá apercebendo, de forma consciente ou inconsciente, das condições que lhe estão a ser transmitidas.

Para isso, garantindo uma circulação para todo o tipo de utilizadores do espaço (permanentes, semipermanentes e esporádicos) com características de mobilidade distintas (idosos, pessoas em cadeira de rodas, pessoas com carrinhos de bebés, entre outros), o deslocamento é feito em espaços amplos, contínuos e sem barreiras, e o acesso às diferentes cotas do terreno é garantido através de escadas, rampas e também através de meios mecânicos (escadas e tapetes rolantes, elevadores e um funicular).

Pensando especialmente nos invisuais e nos indivíduos com fraca capacidade visual, a mobilidade e acessibilidade são complementadas com a utilização de uma rede de linhas guia que se implantam axialmente no território, prolongando-se inclusivamente para o interior do edifício do Reitschule, conduzindo-os aos principais locais de interesse da proposta. Adicionalmente, diferentes tipos e texturas de pavimentos, cores e vegetação aromática, são também propostos permitindo a legibilidade do espaço e funcionando como pontos de referência e de orientação no mesmo. No caso da vegetação aromática, é tido em especial atenção a escolha das espécies, já que se pretende que tenham propriedades medicinais (fig.42), e a sua localização. Como se pode ver, estão posicionadas nos dois pontos de entrada/saída da cidade, o que confere uma especial imaginabilidade ao espaço (fig.35).

Assim, denota-se uma preocupação em proporcionar várias e distintas experiências que estimulem todos os sentidos, que permitam a sua memorização e distinção pela nossa capacidade cognitiva, bem como em desenhar um espaço acessível, integrado e organizado, que seja uma referência e um exemplo a ser seguido não só em outras zonas da cidade de Berna, mas também em todo o mundo.

No entanto, “la arquitectura no puede reducirse exclusivamente a la organización de recorridos, sencillamente porque no estás siempre caminando, paseando y contemplando” (Siza e Santos, 2007, p.32). São necessários na arquitectura momentos de pausa, repouso e abrigo, bem como circunstâncias em que nos envolvemos intimamente com os outros, daí aparecerem os edifícios como resposta a essas necessidades. Apesar disso, alguns espaços exteriores podem também eles próprios tornar-se momentos desse género, se possuírem determinadas características que favoreçam simultaneamente o descanso, a permanência e o contacto próximo entre os indivíduos.

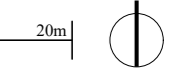
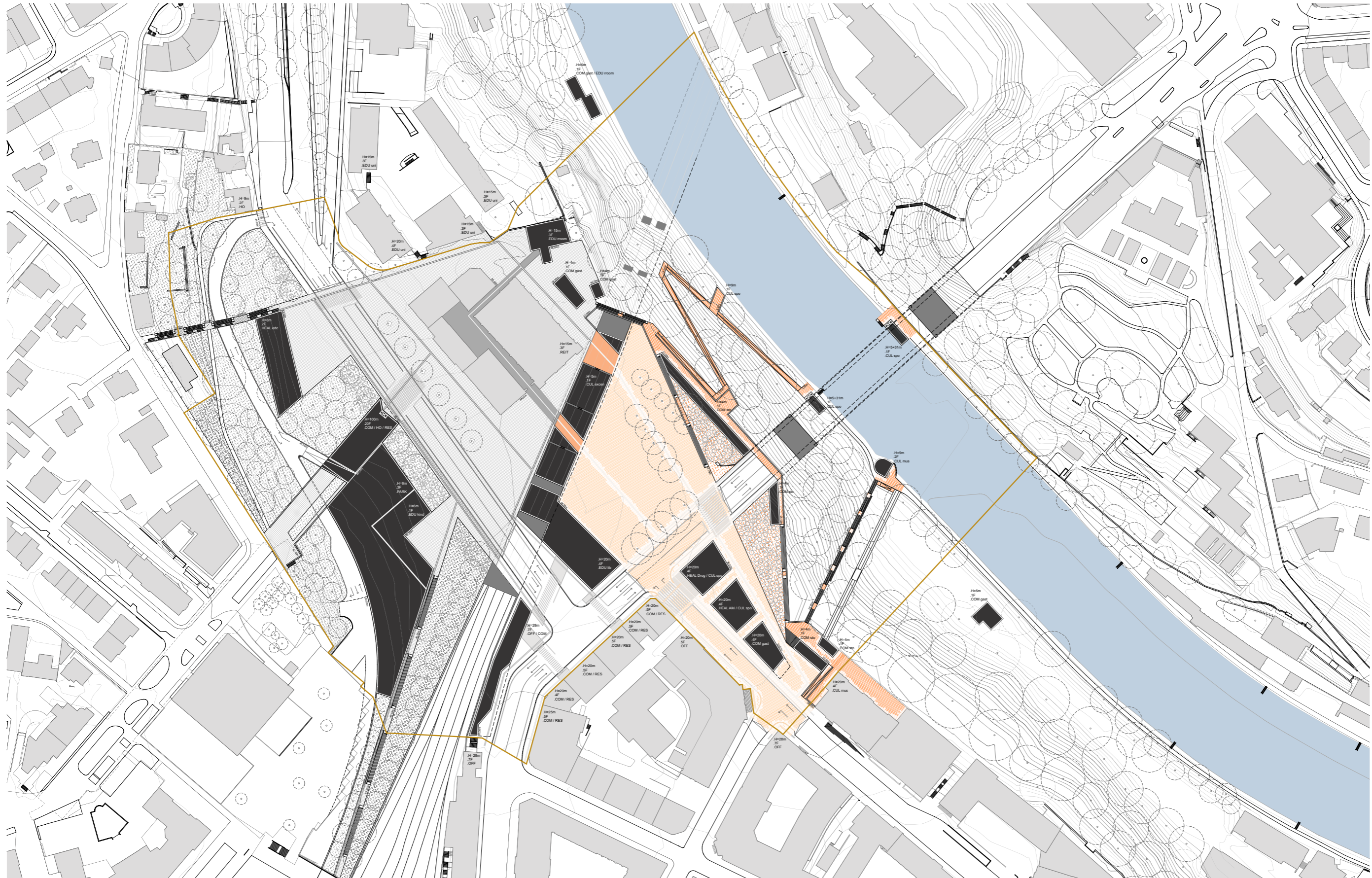
Isto encontra-se na proposta nos vários espaços de miradouro que vão se dispendo em vários níveis, criando uma espécie de refúgios para reflexão que proporcionam diversos pontos de vista ou perspectivas sobre uma mesma realidade. A realidade é a mesma mas a forma como nos posicionamos e olhamos para ela é que a faz parecer diferente, tornando a sua experiência única e irrepetível (fig.40). Favorecendo estas zonas de estar e de miragem, são propostos, na sua delimitação, bancos que permitem às pessoas realmente estabelecer-se, usufruir do espaço e contactar serenamente com outros indivíduos. “It is important, naturally, to be able to stand in public spaces, but the key word is staying” (Gehl, 2010, p.147).

Porém, é no edifício que este *staying* assume vital importância. Por isso, é precisamente integrado neste espaço de permanência, pausa, abrigo e protecção da atribulada realidade exterior, que o edifício de apoio aos grupos de risco (Drogenanlaufstelle) se estabelece e irá seguidamente ser abordado e explicitado.

**Fig.42** Funções de orientação e terapia das plantas aromáticas.  
**Fonte** Elaboração própria.



**Fig.43** Planta referente ao *Master Plan*.  
 Fonte Elaboração própria.



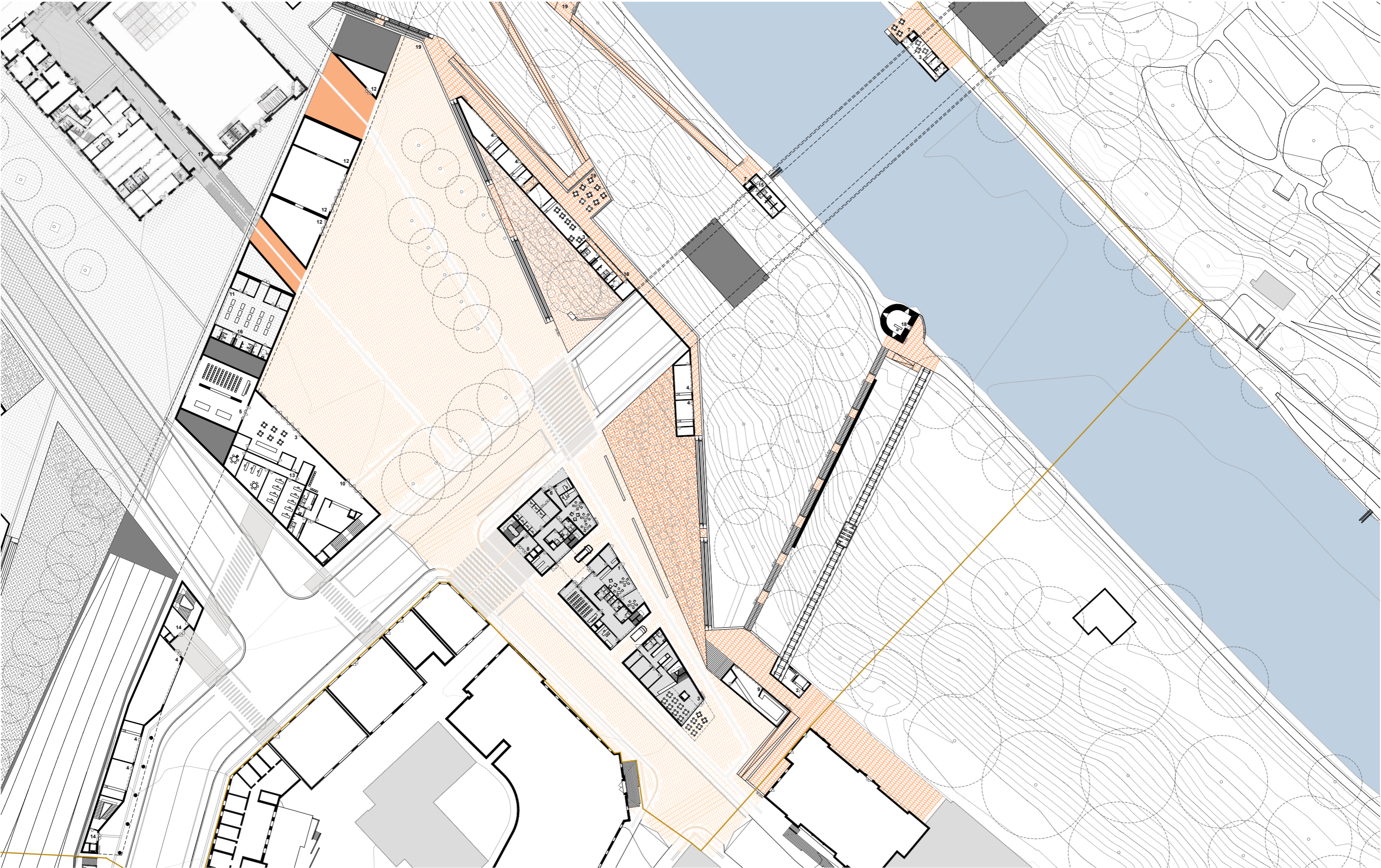
**Label layout**

- Height (H)
- Number of stories (F)
- Main uses

**Main uses**

- Commercial Spaces (COM)**
  - Gastronomy (gast)
  - Stores (sto)
  - Supermarket (sumark)
- Culture and Leisure (CUL)**
  - Exposition center (excen)
  - Museum (mus)
  - Sport (spo)
- Education (EDU)**
  - Kindergarten (kind)
  - Library (lib)
  - Reading rooms (room)
  - University (uni)
- Health (HEAL)**
  - Alkistubli (Alki)
  - Drogenaufnahme (Drog)
  - Elderly day center (edc)
- Hospitality / Hotel (HO)**
- Offices (OFF)**
- Parking (PARK)**
- Reitschule (REIT)**
- Residential (RES)**

**Fig.44** Planta referente ao *Urban Repair*.  
**Fonte** Elaboração própria.



- Main uses**
- 1 - Arkistubi
  - 2 - Cable railway
  - 3 - Cafe / Restaurant
  - 4 - Commercial space
  - 5 - Conference room
  - 6 - Drogenlaufstelle
  - 7 - Elevator
  - 8 - Gym and therapeutic pool access
  - 9 - Kunstmuseum store
  - 10 - Library
  - 11 - Market support spaces
  - 12 - Multipurpose room
  - 13 - Offices
  - 14 - Offices access
  - 15 - Public changing rooms
  - 16 - Public toilets
  - 17 - Reitschule
  - 18 - Tower museum
  - 19 - Viewpoint

**Fig.45** *Anchoring* da proposta redesenhando o espaço e o contexto urbano.  
**Fonte** Elaboração própria.





## Em busca de uma arquitectura ética

Projectar (n)o edifício surge como o resultado da continuação da proposta urbana, do tecido da cidade, integrando todos os pressupostos teóricos, as pretensões do concurso e a análise que lhes antecede, traduzido na proposta específica e mais desenvolvida do novo edifício de apoio aos grupos de risco (Drogenanlaufstelle). Neste ponto do trabalho, explicam-se e justificam-se as opções tomadas, os conceitos e os objectivos do *Project Design*, obviamente sempre integrado no *Master Plan e Urban Repair*, recorrendo a pensamentos, obras e projectos de autores consagrados, que constituíram uma base de conhecimento e como que atestam, reforçam e fundamentam as soluções de projecto aqui apresentadas.

Da mesma forma que quando se projecta a uma escala urbana deve-se pensar no contexto da cidade em que está inserida, numa escala do edifício acontece o mesmo. Deve-se pensar na integração e contextualização na sua envolvente, já que, como é sabido, um edifício não vive por si só num vazio, antes pelo contrário, tem necessidade de ser influenciado pelo contexto circundante e também de lançar a sua influência sobre esse mesmo contexto. Só assim o edifício se estabelece plenamente e se vai construindo e evoluindo o espaço em que vivemos.

Assim sendo, os objectivos para esta fase da proposta do edifício integram os já expostos na escala urbana. Pensa-se o edifício *anchored* à sua envolvente de uma forma coerente com toda a proposta urbana, e também numa experiência fenomenológica da arquitectura que permite a percepção, compreensão e vivência dos diferentes espaços do edificado.

Adicionalmente a estes objectivos, parte-se em busca de uma arquitectura ética que elimine as barreiras físicas e mentais de todo o tipo de utilizadores do espaço; de um edifício que vai não só proporcionar as condições, as instalações e o ambiente necessário à permanência segura, prazerosa e funcional dos grupos de risco, para os quais o edifício é maioritariamente projectado, abrigando-o da pressão da realidade exterior, mas também integrando-os e unificando-os com a restante sociedade, formando uma única comunidade coesa e solidária.

Pensa-se o edifício de carácter público como uma casa, como um espaço doméstico, considerando a plenitude do acto de protecção e permanência, do anteriormente referido *staying*, dispensando atenção às qualidade objectivas e materiais da arquitectura com o intuito de realmente fazer a diferença na vida dos seus utentes, melhorar a sua qualidade de vida, o seu estado anímico e integração na sociedade.

## Questionamento do programa

Actuam na arquitectura três tipos de forças: lugar, programa e cultura dominante. Lugar que vai receber a arquitectura, programa que nasce de uma necessidade a ser suprimida pela arquitectura, e cultura daqueles que a vão viver. Desta forma, o programa assume uma importância fundamental pois é ele que vai especificar a utilidade do espaço/lugar necessária à sua vivência por parte dos indivíduos. Pode dizer-se também que nos mantém mais focados no acto de projectar, minimizando a possibilidade de incorrerem no erro de fazer algo que agrade exclusivamente a nós próprios ou o nosso ego.

No entanto, o programa, sozinho e isolado, é insuficiente, não significa nada, porque é com espaços que se está a lidar. É algo circunstancial e que não tem nada a ver com a natureza dos problemas a resolver, os objectivos a atingir e a qualidade que os espaços devem ter.

Não basta ler literalmente o programa fornecido sob a forma de elementos escritos, quadros com áreas e esquemas de funcionamento (anexo 3). É preciso interpretá-lo e reescrevê-lo buscando a essência das coisas, olhar para ele com uma postura crítica, de questionamento, no sentido de tentar perceber se o que se especifica é realmente o melhor para o lugar, para as relações funcionais que se pretendem estabelecer e para as atmosferas que se desejam criar.

Para isso, nada melhor que acompanhar esta reinterpretação e rescrição do programa, com esboços que já vão moldando a natureza e a configuração dos espaços que vão conter a função destinada. Assim, não se adopta uma postura passiva, de aceitação, pois se assim for, corre-se o risco de o projecto final resultar apenas numa justaposição de áreas e volumes inócuos e sem qualquer significado.

“É no ato de rescrever o programa que se pode detectar a arquitetura, não na mera manipulação de espaços. Na mera manipulação de espaços, não há nada que pertença ao arquiteto, ainda que ele possa contribuir para essas realizações, como um sujeito que define as mais refinadas especificações. Mas isso não o torna um bom arquiteto.”

(Ngo, 2002, p.59)

Assim, depois de uma análise dos documentos fornecidos, detectou-se na essência três programas fundamentais: de apoio a toxicodependentes, de apoio a alcoólicos e uma zona de restaurante. Pensa-se que funcionem melhor, minimizando os riscos de conflito e favorecendo um maior controlo sobre os espaços, se houver uma separação física entre eles. No entanto, apesar de fisicamente separados, os espaços associados a estas programáticas, distribuem-se proximamente entre si, de forma a poder usufruir das dinâmicas que uns e outros possam proporcionar.

Para além do programa estabelecido pelo concurso, são também propostos usos independentes e alternativos, nomeadamente um ginásio e uma piscina terapêutica, que funcionam durante todo o ano, de forma a rentabilizar economicamente o edifício, favorecendo ainda um contacto e troca de experiências entre os diferentes utilizadores do espaço. Esta permeabilidade à restante sociedade, incorpora um carácter de socialização a um edifício que, à partida, destina-se a dar apoio médico a um determinado grupo social.

Desta forma, propõe-se uma alteração e optimização do programa e das áreas espaciais estabelecidas (claro que sempre tendo-as como referência), para que melhor se adequem aos objectivos propostos, potenciando o aparecimento de outras dinâmicas, outros contextos e oportunidades de relacionamento que satisfaçam a sociedade. Oferecer algo mais à arquitectura, ir mais além, pensando e interpretando as características dos grupos de risco, e respondendo simultaneamente às pretensões e necessidades da restante comunidade. Favorecer uma coabitação de ambos.

Este propósito principal do programa despoleta e torna-se ainda o ponto de partida para uma multitude de outras intenções não menos relevantes. Estas materializam-se nos espaços, materiais e detalhes, revelando, do ponto de vista experimental, uma importância igualmente acrescida. Assim, revelando um domínio sobre estes, pretende-se traduzir o conceito programático em espaços, atmosferas e ambientes com significado e que ofereçam a possibilidade de experiência, compreensão e vivência plena do edifício.

### ***Drawing to find out***

Como foi referido anteriormente, o processo de reinterpretação e rescrição do programa é sempre acompanhado de esboços que vão revelando os vestígios das intenções arquitectónicas, isto é, as configurações, as características e a natureza dos espaços que se pretendem projectar no final.

Esta procura da forma adequada para receber o programa e proporcionar a vivência dos indivíduos tendo em conta uma experiência multissensorial, prazerosa e segura, é um processo demorado de reflexão que se transforma múltiplas vezes, e que é feito de avanços e recuos. Assim, começa-se a introduzir vida na matéria, visualizando as imagens nos desenhos e, a partir delas, elaborar as próprias soluções. Pensa-se, desenha-se e questiona-se. Recua-se, simplifica-se e clarifica-se (fig.46). “Só depois de ter completado várias vezes este ciclo é que o projecto toma forma” (Ando, 1990c, p.461).

Por outro lado, este *drawing to find out* também permite perceber se o volume do edifício considerado à partida na proposta urbana seria suficiente para albergar todo o programa pretendido.

Depois de uma mais precisa tomada de consciência dos espaços e dimensões necessitados, verifica-se que tal não seria suficiente.

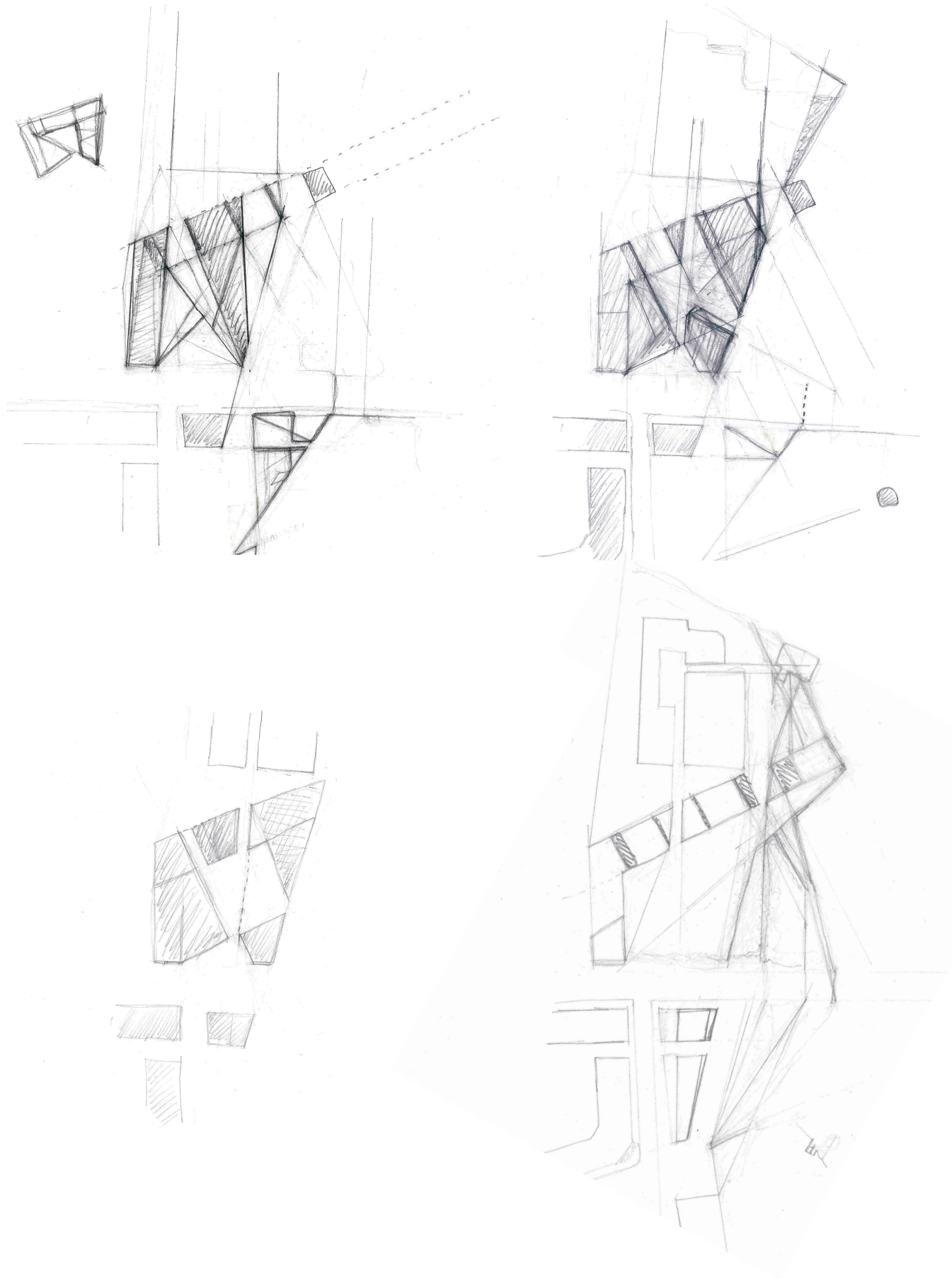
Desta forma, recua-se no processo e reformula-se a proposta urbana mantendo os mesmos princípios e conceitos, mas tendo em particular consideração o edifício do Drogenanlaufstelle. Trabalha-se simultaneamente nestas duas escalas, sobrepondo e interpenetrando ambas, até passar exclusivamente para a do edifício quando o restante se apresentar estabilizado (fig.47).

“El proyecto es una lenta y a menudo desigual acumulación de puntadas de costura, que, con frecuencia, nos vemos obligados a deshacer a médio caminho, en nuestra lucha por clarificar o entender cómo deben ser el modelo y la organización del proyecto (...)”

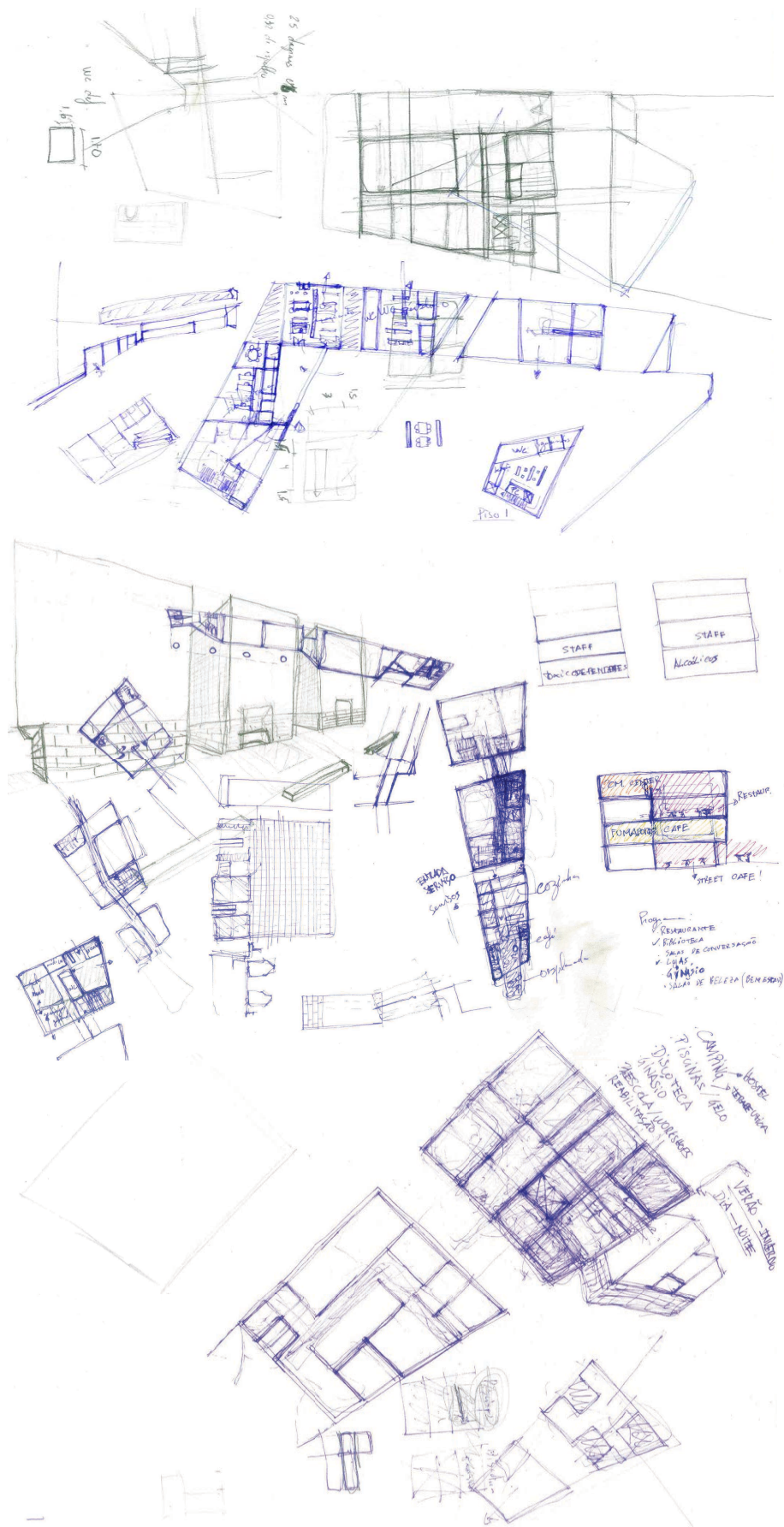
(Williams e Tsien, 1999, p.133)

Assim, não se entende a arquitectura como um acto de conceber e forçar uma ideia ou forma pré-estabelecida, mas sim o resultado de uma procura que intersecta várias intenções e considerações projectuais, muitas delas decorrentes do próprio desenvolver desse processo. No decorrer desta procura passa-se por várias etapas que não podem ser entendidas como soluções finais. Se assim fosse, seriam como uma espécie de catálogo de propostas arquitectónicas, como esculturas descontextualizadas que podiam ser pousadas em qualquer parte. A importância destas fases intermédias está precisamente no processo, no acto de projectar, como meio de atingir e otimizar uma única solução final.

**Fig.46** Esboços ilustrativos dos avanços e recuos no processo arquitectónico de simplificação.  
**Fonte** Elaboração própria.



**Fig.47** Esboços do processo de formação do edifício considerando a transição entre escalas.  
**Fonte** Elaboração própria.



## Arquitectura escavada

Encontrando a solução final que, pensa-se mais se adequa às intenções delineadas, o novo edifício é proposto sensivelmente no mesmo local do antigo, como inclusivamente já foi referido aquando da explicação da proposta urbana, de forma a manter o sentimento de pertença dos seus utilizadores em relação ao anterior lugar.

Assim, o edifício emerge do chão como um volume maciço a ser esculpido. Adopta como elementos chave os conceitos de massa e espaço, em que a partir de um cria-se o outro, isto é, passando por um processo de subtracção do volume maciço vão se criando os vazios correspondentes aos espaços. É “(...) una arquitectura moldeada, una arquitectura que se configura y define más a base de quitar que de poner, más por la vía de vaciar que por la de llenar” (Otxotorena, 2003, p.5).

Numa primeira fase deste processo de escavação resultam três volumes de acordo com os alinhamentos da envolvente, que ao nível do chão da cidade funcionam separadamente e com autonomia. Assim, aumenta-se a superfície de contacto com a sua envolvente garantindo uma ampliação da relação entre o edifício e o contexto circundante, entre interior e exterior, e igualmente uma maior permeabilidade de fluxos/pessoas, o que é fundamental para ser mantida a leitura de um único espaço contínuo e não dois separados pelo volume de edificado. Esta permeabilidade implica um espaço de circulação que se integra e funde com o domínio público. Veja-se como caso semelhante o projecto do *Centro para as Artes* em Sines dos arquitectos Aires Mateus (figs.48 e 49).

A subdivisão em três volumes tem também por base questões de funcionalidade do próprio edifício, tanto devido à necessidade ou conveniência de separação programática, como ao aproveitamento destes espaços resultantes como zonas para estacionamento da carrinha pertencente ao *Drogenanlaufstelle* e para cargas e descargas do restaurante (como é exigido no programa).

Nos pisos superiores verifica-se o contrário, há a necessidade dos edifícios se interligarem para aproveitamento das mesmas infra-estruturas e favorecimento das dinâmicas internas do edifício. Desta forma, exteriormente, percebe-se também que não são edifícios isolados, mas pertencentes a um conjunto que se complementa mutuamente.

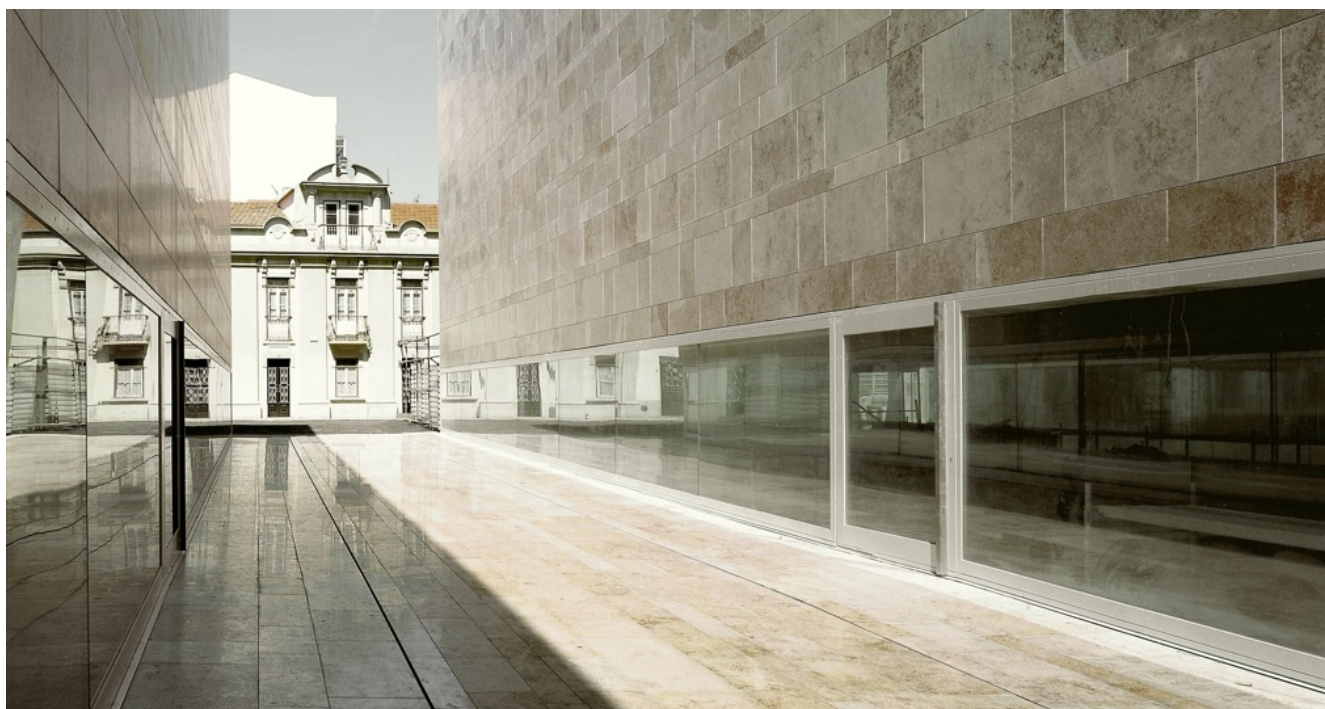
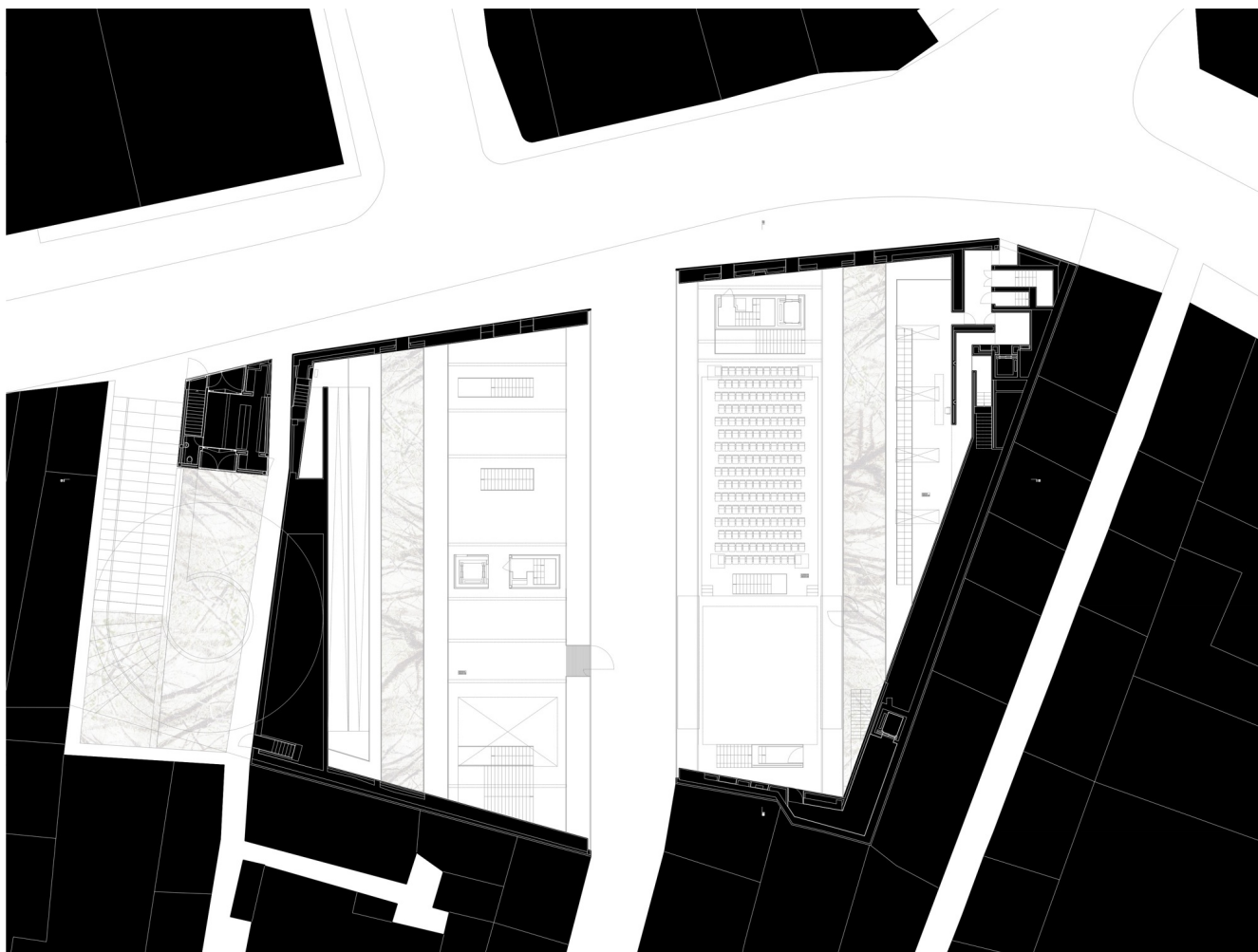
Numa segunda fase, apura-se o processo de escavação para um nível seguinte de materialização do edifício. Tomam forma vazios na massa revelando os principais pontos de entrada no edifício. Estabelece-se uma preferência e uma hierarquia, facilitando a compreensão do acesso ao edificado por parte de todos os utilizadores do espaço, e projecta-se um espaço de transição entre o exterior e o interior, que capta, recebe e acolhe as pessoas protegendo-as também das intempéries. Pode também adiantar-se que estes acessos/entradas ao edifício estão pensadas de forma independente

e a não haver qualquer cruzamento de fluxos entre elas. Todas relacionam-se e abrem-se ao domínio público mas, devido ao seu posicionamento, não têm uma influência directa entre si.

Contudo, a posição específica destes vazios e também dos vãos, depende do que acontece no interior, pois é o reflexo do mesmo. “(...) los huecos nacen de dentro, del interior, y por tanto el orden y armonia entre el hecho real de lo que es la casa y como se vive en ella determinan esa posición y forma de las ventanas” (Siza e Santos, 2007, p.34). Parte-se de uma organização de dentro para fora, em que a organização espacial interior estrutura e por consequente influencia a imagem exterior que o edifício apresenta à cidade.

**Figs.48/49** *Centro para as Artes*, em Sines, dos arquitectos Aires Mateus. Planta do rés-do-chão e fotografia do arruamento que subdivide os dois volumes.

**Fonte** Desenho e fotografia dos arquitectos Mateus (2005) e de Malhão (2005), respectivamente.



## *Architecture as city*

Explicitando então a organização espacial interna do conjunto dos edifícios, opta-se por fazer uma separação da explicitação segundo o conteúdo programático associado aos espaços, isto é, do programa de apoio aos grupos de risco (toxicodependentes e alcoólicos), dos usos complementares de ginásio, piscina terapêutica e restaurante. Desta forma, facilita-se a compreensão por parte do leitor e torna-se mais evidente a possibilidade de autonomia e independência dos referidos espaços.

Assim, e relativamente à instituição de apoio ao referidos grupos de risco (Drogenanlaufstelle), opta-se por uma apropriação de dois volumes do conjunto edificado. Por razões de optimização e segurança no funcionamento da instituição, separa-se os toxicodependentes dos alcoólicos. Uns e outros vivem separadamente os seus espaços.

No entanto, as dinâmicas funcionais utilizadas são idênticas. O nível do rés-do-chão destina-se maioritariamente aos utentes (carácter público), e o primeiro piso ao staff que lhes presta o serviço (carácter privado). Neste último piso, como já foi referido, os dois volumes ligam-se para que os espaços destinados ao staff possam servir simultaneamente os dois grupos de risco, o que favorece um melhor funcionamento e organização das actividades que se desenvolvem, bem como uma economia de recursos.

Claro está que as dinâmicas entre ambos se cruzam e misturam, dando origem a espaços semipúblicos nos dois pisos, pois o tratamento dos utentes implica um constante acompanhamento por parte do staff.

Pretende-se com esta organização, com esta espécie de estratificação programática, permitir um maior controlo do acesso dos utentes a determinados espaços, isto é, considerar o carácter público, semipúblico e privado dos espaços, e com isso definir diferentes níveis de acesso. Estes podem ir progressivamente desde uma ausência de restrições até ao completo controlo (privacidade progressiva<sup>34</sup>).

Porém, esta organização não se apresenta suficiente para o sucesso da implementação deste conceito. O desenho e as características dos espaços desempenham um papel fundamental no funcionamento do edifício, já que vão induzir os utilizadores a percorrer ou não determinados percursos, e permanecer ou não em determinados espaços.

Para isto, parte-se de um princípio que considera o edifício como uma cidade, como um pequeno urbanismo, ou seja, um *modus operandi* de *architecture as city*. Tal como uma cidade é constituída por espaços de circulação e permanência, o edifício também é composto por estes dois tipos de espaços. Apesar de possuírem escalas diferentes, o carácter é semelhante, isto é, espaços de

---

<sup>34</sup> Para um aprofundamento deste conceito, veja-se Wojgani (2006).

circulação conduzem os indivíduos de um ponto para outro, enquanto que os espaços de permanência permitem aos indivíduos estabelecer-se num determinado lugar.

“Architecture as City is an idea of architectural space that makes a house into a (small) urbanism, i.e. the space is similar in character to the space between buildings on a street, a square, in a mews, both in the intimate and more public parts.”

(Beigel e Christou, 2012, p.30)

Assim sendo, tenta-se transpor para o edifício as mesmas qualidades que se criam para a cidade. No caso dos espaços de permanência projectam-se espaços com qualidade arquitectónica e que favoreçam um completo *staying*, isto é, que possibilitem uma experiência multissensorial, sejam de fácil compreensão e estimulem o contacto entre os seus utilizadores, proporcionando assim uma vivência plena. Pretende-se criar uma verdadeira atmosfera onde todos sintam prazer, confiança e segurança, e onde todos sintam que pertencem.

Inserido neste carácter de permanência, podem encontrar-se dois tipos de espaço, de trabalho (salas para o staff e destinadas ao tratamento/apoio dos utentes) e de lazer (salas de dia dos utentes e de convívio do staff). Nos primeiros, tomam forma espaços amplos e bem iluminados, tentando proporcionar o ambiente mais adequado à sua função. Viram-se maioritariamente sobre a cidade, já que esta é o expoente máximo da actividade laboral.

De referir ainda que nas salas destinadas ao tratamento/apoio dos utentes, nomeadamente a sala de chuto e sala polivalente, procura-se transmitir uma maior privacidade e serenidade ao espaço, de forma a favorecer níveis de concentração mais elevados. Confere-se este ambiente a partir de uma iluminação indirecta e uniforme, devido à colocação dos vãos a um nível superior, o que só é exequível, já que escava-se em determinadas zonas o tecto das salas criando um pé-direito duplo. Para além disto, esta configuração do tecto vai também estruturar a disposição do mobiliário que se encontra nas salas, e por consequente o seu funcionamento (fig.50).

Relativamente aos espaços de lazer, são também amplos e bem iluminados, condição fundamental para que possam ser apropriados como tal. Adicionalmente, tenta-se projectar espaços simples e com o mínimo de ruído possível, isto é, com o mínimo do aparato tecnológico e dos objectos físicos que nos invadem diariamente, captam a nossa atenção e atrofiam a nossa capacidade perceptiva. Assim, dotam-se os espaços de um sentido de civilidade, favorecendo ao máximo a socialização entre os indivíduos, bem como uma experiência multissensorial completa do ambiente circundante. Tira-se o maior prazer do acto de percepção, estimulando o pensamento e o sentimento, isto é, significar a experiência física.

Como estímulo adicional, os espaços de permanência procuram uma relação mais próxima com as margens do Rio Aare e com as vistas das montanhas mais distantes que se localizam a nascente, pois são elementos que proporcionam uma maior riqueza experimental bem como um ambiente mais relaxado, um momento de pausa e abrigo da stressante vida diária.

Denota-se uma busca por vários níveis de relação (primeiro plano, plano médio e visão longínqua) e várias escalas (do edifício, da cidade e da paisagem). Veja-se o quadro *Saint Jerôme in his study* de Antonello da Messina. Em primeiro lugar a incompletude da peça onde a figura humana está sentada. Depois, o encontro de escalas. A peça actua como uma pequena casa assente sobre um pódio, que por sua vez é uma ponte, ou seja, exceptuando o momento dos degraus, a ponte tem uma escala muito diferente da escala da casa, e tudo isto acontece dentro da escala da igreja, que por sua vez nos mostra a escala da paisagem (fig.51).

A sobreposição e encontro destes níveis e escalas, juntamente com as qualidades dos materiais e da luz que se constituem a base para a percepção completa e contínua do espaço, é que vão ajudar a enformar um espaço arquitectónico que deve ser visto como estando em constante mutação e incompletude, nem que seja pela variação das estações do ano, da dicotomia dia/noite e das acções que nele se realizam.

Todos estes espaços têm atenção o uso criterioso da cor e de contrastes cromáticos, tendo sempre presente a manutenção da sobriedade espacial. Grandes superfícies como paredes, pavimentos e tectos distinguem-se através de uma diferenciação cromática, favorecendo a sua legibilidade pelas pessoas com deficiências visuais.

Alguns destes espaços tem ainda pé-direito duplo e apropriam-se do exterior, diferenciando-se e demarcando-se ainda mais o seu carácter de permanência. Assim, estabelecem uma hierarquia espacial que revela claramente a sua função e importância como espaços de excelência para se estar que se assumem (fig.52).

Porém, o edifício não vive somente de espaços de permanência. Tal como na cidade, é necessária igual atenção sobre os espaços de circulação e de acesso, já que estes estabelecem uma rede de ligações/relações que estruturam todo o edifício e permitem o deslocamento das pessoas de um ponto de permanência para outro. Apresentam-se fundamentais para o cumprimento do programa estipulado e para as dinâmicas que se pretendem proporcionar.

No entanto, satisfazer simplesmente as necessidades funcionais não se apresenta suficiente. É essencial pensar na qualidade arquitectónica. Para isso, todos os espaços de circulação são curtos, amplos, e banhados com luz natural, tirando partido do fraccionamento do edifício. Tais factos conferem uma atmosfera própria a cada espaço, bem como uma maior qualidade e conforto físico e

psicológico, facilitando inclusivamente a compreensão, circulação e orientação dos indivíduos com mobilidade condicionada.

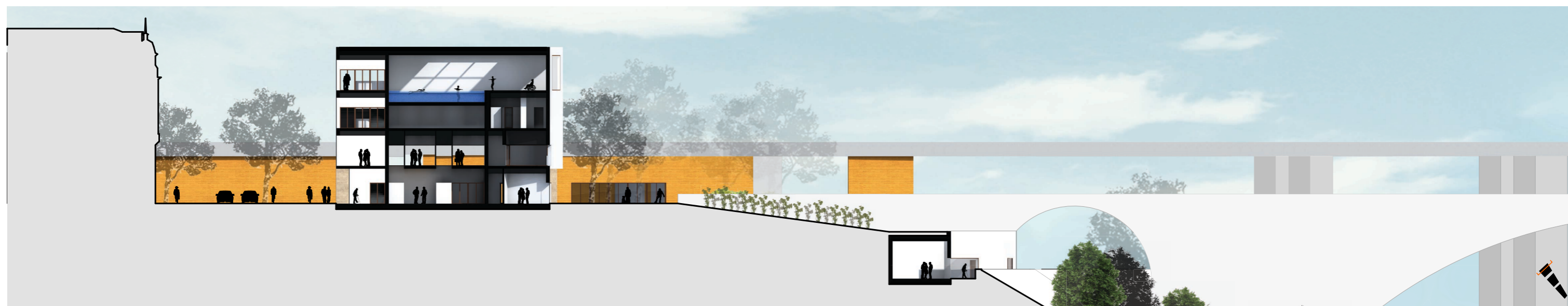
Atendendo as este tipo de utilizadores, projectam-se percursos acessíveis que contêm determinadas zonas de alargamento da área de circulação, formando como que umas espécies de bolsas de viragem que facilitam a mobilidade e a articulação entre os espaços. A estas bolsas de viragem, estão normalmente associados acessos verticais que fazem a ligação entre os dois pisos.

Adicionalmente não se incluem muitas barreiras físicas (portas) nos percursos delineados, apenas as essenciais, com o intuito de tornar os limites mais fluídos (gradientes) e o ambiente mais doméstico, já que o contrário (limites abruptos) conduz a um ambiente muito formal e institucional, impessoal e desconfortável aos olhos do utilizador.

Assim, o controlo é conseguido através da manipulação dos percursos e fluxos potenciados pelo desenho do espaço, denotando este uma continuidade de um volume para o outro (mesmo que fisicamente separados no rés-do-chão), e de uma vigilância natural por parte dos seus utilizadores, apelando a um certo sentido de responsabilidade dos mesmos.

**Fig.50** Corte transversal ilustrativo da configuração espacial da sala de apoio aos toxicodependentes, da piscina e da entrada independente para os últimos dois pisos.  
**Fonte** Elaboração própria.

5m



**Fig.51** *Saint Jérôme in his Study.*  
Fonte Quadro da autoria de Messina (1475).



**Fig.52** Sala de dia dos alcoólicos ilustrativa dos vários níveis de relação e escala.  
**Fonte** Elaboração própria.



## **Flexibilidade de usos e pensamentos**

Relativamente ao programa complementar (ginásio e piscina terapêutica), este desenvolve-se autonomamente nos dois últimos pisos, sendo acedido através de um bloco de acessos independente (escadas e elevadores), que pelo seu carácter nobre, cativa as pessoas a entrar e permanecer no edifício. Porém, não é simplesmente um acesso que se deseja criar. Pretende-se projectar um espaço que não só possibilite a transição entre pisos, mas também a permanência dos indivíduos; um espaço em que a sua funcionalidade seja a consequência directa do modo de apropriação e do tipo de vivência.

Para isso, as escadas e os espaços que antecedem os elevadores assumem uma importância fundamental. Ambos tornam-se espaços de permanência na medida em que se assumem como pontos de miradouro sobre a paisagem próxima e distante. Abrem-se para o exterior e despertam a curiosidade para que sejam apreciadas as vistas longínquas e o rebuliço da vida citadina (fig.53).

A partir deste núcleo de acessos, as pessoas são então encaminhadas para o ginásio, no 2º piso, e para a piscina terapêutica, no 3º piso. A colocação deste tipo de programa nestes pisos superiores tem por base complementar a instituição de apoio aos grupos de risco, estabelecendo com ela dinâmicas que favoreçam o bem-estar físico e psicológico dos seus utentes. Tira-se partido da prática de exercício físico e do facto de serem abertos a toda a comunidade, para projectar espaços que, como diz Ando (1997, p.444), “(...) contenham indicações para a vida”. Esta pedagogia pretende instaurar nas pessoas uma flexibilidade de pensamentos, isto é, um sentimento mixofóbico, de tolerância para com os outros e integração de todos na sociedade, favorecendo assim um processo de socialização. Denota-se assim um potencial terapêutico dos espaços tanto a nível físico como mental.

Para além desta flexibilidade de pensamentos, propõe-se uma flexibilidade de usos, nomeadamente ao nível do ginásio. Este desenvolve-se em duas salas amplas sem qualquer tipo de divisórias, o que permite uma mudança da organização interna, bem como, no futuro e caso seja favorável, uma mudança completa do próprio programa. Pensa-se mais além das intenções à partida delineadas. Os próprios utilizadores assumem o papel de construtores do espaço e decidem a sua evolução ao longo dos anos (fig.54).

Um outro aspecto que se assume importante abordar, é a relação que ginásio e piscina estabelecem com a paisagem. Ambos procuram uma relação visual com a paisagem mais longínqua da cidade de Berna, possibilitando a prática de exercício físico enquanto se deslumbram as vistas que se dispõem como se de quadros se tratassem.

Como é natural, estas vistas apresentam-se em constante mutação devido às diferentes estações do ano e horas do dia, o que altera a própria atmosfera interna do espaço. Procura-se assim transmitir e magnificar estas transformações de forma a que quem está no interior quase que sinta e experiencie as

condições exteriores. Para isso a luz que penetra no espaço desempenha um papel fundamental, pois cada feixe de luz transmite-nos a informação referente à estação do ano e hora do dia em causa. Veja-se como caso semelhante o projecto da *Piscina Terapêutica* em Landeyeux, Suíça, dos arquitectos Meier+Associés (fig.55). É uma luz característica que adquire materialidade, que se sente como matéria, que se corporifica sobre as superfícies revelando texturas e intensificando o impacto emotivo associado aos espaços (fig.56).

Criam-se ambientes e atmosferas únicas e peculiares, totalmente acessíveis inclusivamente a pessoas com mobilidade condicionada, que sejam lembradas e reconhecidas pela emoção que transmitem e não somente pela utilidade que têm, tornando-se assim uma referência para a cidade de Berna.

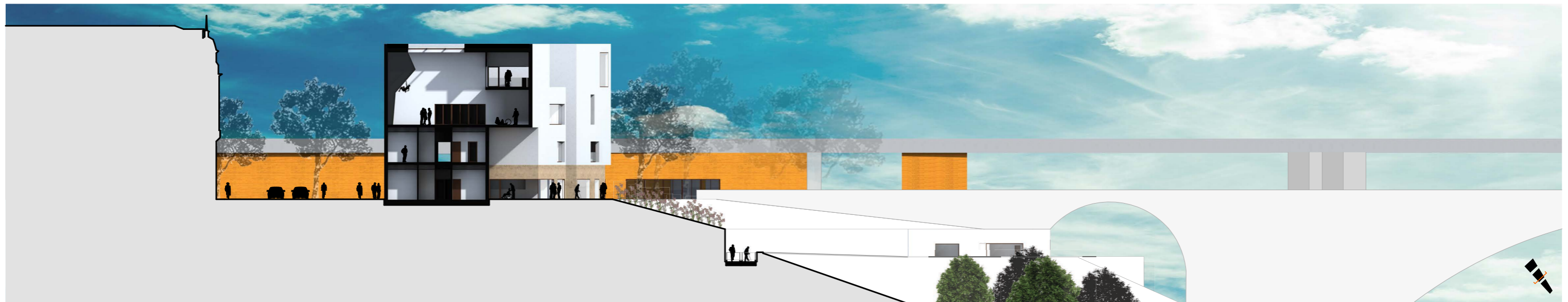
**Fig.53** Corte longitudinal ilustrativo do acesso ao programa dos últimos pisos, dos espaços polivalentes, de ginásio e de restaurante. Ilustra ainda a relação do conjunto edificado com as duas praças que lhe ladeiam.  
**Fonte** Elaboração própria.

5m



**Fig.54** Corte transversal ilustrativo da flexibilidade de usos associada ao espaço do ginásio.  
Fonte Elaboração própria.

5m



**Fig.55** *Piscina Terapêutica*, em Landeyeux, dos arquitectos Meyer + Associés. Materialização da luz que se sente como matéria.

**Fonte** Fotografia da autoria de André (2007).



**Fig.56** Piscina terapêutica que busca uma relação visual com a paisagem mais distante. Valorização da luz e magnificação das estações do ano.  
**Fonte** Elaboração própria.



## Contentor de vida

Por último, no volume mais a sul, implanta-se o restaurante. Este relaciona-se intimamente com o Museu de Arte que se opõe e confronta-o frontalmente, bem como com a pequena praça que lhe antecede (fig.53). É esta que vai receber e acolher as pessoas antes de entrarem no restaurante. Funciona como um espaço de transição entre a cidade propriamente dita e o interior do edifício, como que minimizando o choque que uma transição abrupta entre escalas poderia causar. Pode dizer-se que há uma destituição do limite destas duas escalas tão opostas. Contribuindo para esta leitura, o restaurante prolonga-se em direcção à praça, tanto volumetricamente como programaticamente. O primeiro marca formalmente a sua entrada, e o segundo é o resultado de uma esplanada exterior (fig.57).

Para além de responder ao que é pedido pelo concurso, pretende-se ir mais além nos espaços e usos projectados, de forma a assumir uma maior preponderância no domínio público. Assim, a ideia consiste em criar um polo dinamizador da zona, capaz de atrair diariamente os membros da sociedade e gerar dinâmicas e fluxos que sustentem outros usos e espaços circundantes. No fundo é criar um espaço âncora, um contentor de vida.

Para isso, propõe-se a separação física do restaurante da instituição de apoio aos grupos de risco (como estava previsto no concurso), de forma a contrariar uma apropriação exagerada por parte dos referidos grupos, afastando e repelindo outros indivíduos. Assim, uns e outros podem usufruir do mesmo espaço sem que ninguém seja discriminado.

Adicionalmente, a referida dinamização é potenciada através de uma complementaridade programática, isto é, da junção ao restaurante de espaços de café e bar. Porém, não é tanto esta simples conjugação que torna o espaço especial, mas sim o seu carácter e configuração, a forma como estes programas se articulam entre eles e conseqüente ambiente que proporcionam.

Conceptualmente semelhante à organização do Museu Guggenheim em Nova Iorque, os espaços vão se dispor em torno de um vazio central comum a todos os pisos. É este vazio que os unifica, favorecendo que os utentes se sintam convidados e atraídos a vivenciar o espaço, já que “being able to see what is going on (...) also can be an element of invitation” (Gehl, 2010, p.113).

Apesar de visualmente interligados, a relação física entre os vários níveis só é possível devido ao núcleo de escadas que conduzem as pessoas desde o rés-do-chão até ao último piso, e também ao elevador que se dispõe centralmente no referido espaço vazio e que assegura a acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada. Este contraria a horizontalidade do espaço, assumindo toda a sua presença vertical e maciça como elemento fundamental na configuração do espaço, como elemento estrutural não só de suporte do edifício mas também de funcionamento do mesmo.

A nível funcional, adopta-se um conceito simples. A cozinha situa-se no rés-do-chão do edifício, tirando partido de um acesso independente de serviço e de uma zona de cargas e descargas, o que facilita o abastecimento de mercadorias. Seguidamente as refeições são confeccionadas e seguem directamente através de um monta cargas para os diferentes pisos. Aí, numa pequena copa, recebem-se essas refeições e distribuem-se pelos clientes. Desta forma, tanto o café de rua no rés-do-chão, o restaurante nos primeiro e segundo pisos, como o *lounge bar* no terceiro, funcionam plenamente na medida das suas características.

Este esquema juntamente com a organização espacial, confere também uma autonomia e flexibilidade aos espaços, já que pode haver uma apropriação esporádica diferente (inclusivamente o encerramento de algum dos espaços) sem prejudicar o normal funcionamento do edifício.

Assim sendo, procura-se criar vários ambientes tirando partido do monumental quádruplo pé-direito que entra em tensão com a escala humana, e dos grandes vãos que direccionam as vistas dos seus utilizadores e que permitem a entrada de luz no interior do espaço. Cada espaço de permanência e circulação denota uma atmosfera própria, apropriável, relacionável e característica de uma dada estação do ano e hora do dia, possibilitando sempre experiências distintas tanto da paisagem interior como da exterior. Tornam-se como miradouros constantes das vistas longínquas que se apresentam e das actividades que eles próprios geram e potenciam (fig.58).

Espera-se deste modo provocar uma afectividade positiva, um prazer na vivência do espaço por parte dos seus utilizadores, de forma a reterem-no na sua memória e sentirem o desejo/vontade de o voltarem a perceber, experienciar e viver.

**Fig.57** Prolongamento do restaurante em direcção à praça.  
**Fonte** Elaboração própria.



**Fig.58** Relação entre os espaços do restaurante que possibilitam a experiência da paisagem interior e exterior.  
**Fonte** Elaboração própria.



## O rosto do edifício

A partir da estabilização da organização interior e das relações que se pretendem proporcionar, chega o momento de trabalhar a imagem exterior que o edifício transmite à cidade e aos indivíduos que nela habitam. Esta imagem assume-se importante já que é o primeiro ponto de contacto com as pessoas, podendo criar empatia e atracção ou contrariamente um sentimento repulsivo de afastamento. Imagem exterior assume-se diferente de alçado exterior. A imagem implica um determinado significado, presume movimento e pode “(...) diferir não só pela escala de área envolvida mas ainda pelo ponto de vista, hora do dia ou estação do ano” (Lynch, 1990, p.97), enquanto que o alçado é uma abstracção da realidade que nunca se lê nem experiencia como tal. Denota-se uma mutabilidade das imagens mas não dos alçados. No entanto, ambos apresentam-se fundamentais no processo de criação do rosto do edifício. Já que se reconhece extrema importância a estes temas, poderia pensar-se porque não já terem sido abordados? Na realidade a resposta a esta interrogação assenta em duas vertentes relacionadas com o acto de projectar.

Por um lado, opta-se por tratar da imagem exterior e dos alçados numa fase final do processo arquitectónico, pois se forem abordados precocemente, “(...) acaban con el proceso de preguntas, al dar una imagen del edificio demasiado clara, demasiado tangible y, por consiguiente, demasiado definitiva” (Williams e Tsien, 1999, p.136), ou seja, aprisionam-nos a uma determinada ideia pré-concebida que pode induzir a uma arquitectura oca, ausente de significado. Assim, é preferível não proporcionar uma imagem demasiadamente definitiva durante o decorrer do projecto (apenas alguns esboços que acompanham o desenvolvimento da proposta), antes que o interior e a estrutura do edifício estejam concluídos, para que posteriormente o alçado e a imagem surjam de maneira lógica.

Isto remete para a segunda vertente, a qual está relacionada com a organização interna do edifício. A imagem e os alçados devem ser a consequência directa do que se projecta para o interior, para que assim surjam completamente adequados e contextualizados com o mesmo. Organização interna e imagem exterior devem, ambos, ser coerentes um com o outro. “La posición y forma de una ventana tiene que ver con el uso interior del edificio (...)” (Siza e Santos, 2007, p.36).

Desta forma, a imagem do edifício que se projecta segue estes princípios. O posicionamento e dimensões dos vãos, as aberturas na fachada, seguem razões específicas provenientes do interior, da sua organização e relações que se pretendem estabelecer com o exterior, ou seja, de um acumular de circunstâncias. Pensa-se mais nestes aspectos do que propriamente na composição da imagem exterior.

É tido também em especial consideração os pressupostos de formação do próprio conjunto de edifícios e o que se pretende transmitir, isto é, de acordo com o processo de subtracção e escavação denotado anteriormente, surge uma associação com o conceito de massa, de bloco maciço que assenta

no território. Assim, tenta-se não exagerar nas superfícies envidraçadas, nas transparências e na exposição do espaço, com o objectivo de não desmaterializar o bloco construído nem banalizar o contacto com o exterior. Antes pelo contrário, pretende-se capturar a paisagem selectivamente, valorizando-a para que não se torne aborrecida nem rotineira.

Obviamente que apresenta-se necessária a colocação de vãos, pelo que opta-se pelo seu posicionamento no pano interior das paredes exteriores, ou mesmo até num plano mais recuado formando uma espécie de nicho e reforçando a ideia de arquitectura escavada.

Apesar disso, verificam-se alguns panos envidraçados que se posicionam à face de fora. Esta atitude consciente, mas aparentemente contraditória, tem como objectivo favorecer uma leitura de continuidade do plano de parede e simultaneamente estabelecer uma hierarquia de importância compositiva na fachada. Para esta, contribui adicionalmente a variação das dimensões dos vãos, revelando o carácter e as actividades que se desenvolvem interiormente (espaços de trabalho que necessitam de maior privacidade correspondem vãos mais reduzidos; espaços de estar públicos correspondem vãos com maiores dimensões).

Como é natural, os vãos com maiores dimensões são os que assumem maior preponderância na composição da fachada (fig.59). São também os que permitem uma relação mais ampla com a paisagem. Assim, viram-se mais para as vistas que se pretendem valorizar, isto é, para as margens do rio a nascente e para as praças a norte e sul.

Tanto as dimensões como o seu posicionamento revelam um domínio sobre a luz natural que penetra no espaço. Controla-se a o grau de permeabilidade da mesma como se de um objecto físico se tratasse, com o intuito de proporcionar ambientes com distintos sentidos emotivos associados.

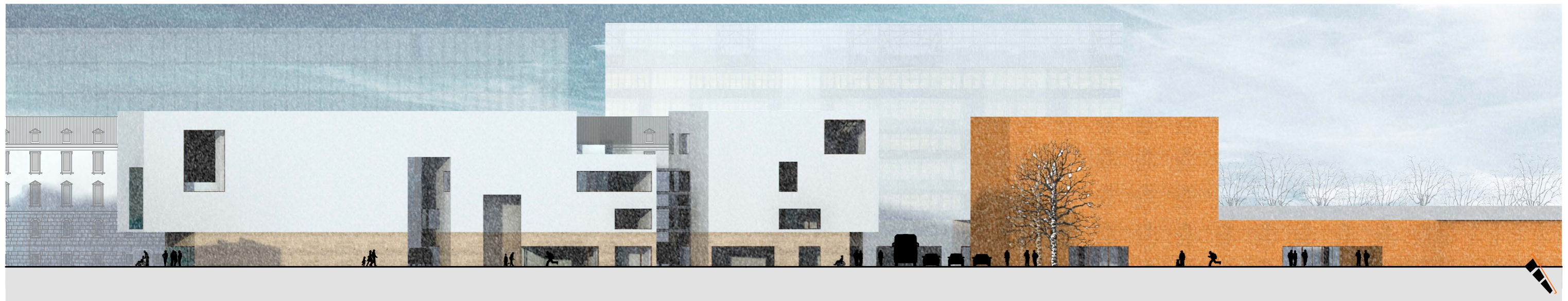
Um outro aspecto relevante para a imagem exterior do conjunto dos edifícios, é o embasamento ao nível do rés-do-chão que percorre a totalidade dos volumes e como que sustenta os pisos superiores. Este resulta de uma reinterpretação formal do que acontece nos edifícios da envolvente, procurando estabelecer uma continuidade formal e visual com eles. Assim, faz-se referência às características da região, paisagem, lugar e história da arquitectura.

Para não haver uma desmaterialização desta continuidade horizontal que o embasamento proporciona, todos os vãos que nele se dispõem estão colocados à face de fora da parede, mantendo a leitura de superfície que percorre todo o perímetro do edificado.

Assim, tendo em conta tudo o que foi explicado, a imagem do edificado revela em simultâneo características aparentemente antagónicas, poder e modéstia, arrojo e subtilidade, assertiva autoridade pública e sentido de intimidade. As “geometrias simples são sublinhadas através do jogo entre cheio e o vazio ou a luz e a sombra” (Silva e Santos, 2011b, p.20), parecendo sem esforço, serenas, autênticas para com a organização interior, e relacionadas com a totalidade do processo arquitectónico.

**Fig.59** Alçado nascente.  
Fonte Elaboração própria.

5m



## O poder dos materiais

Influenciando tanto a imagem exterior como interior do edifício, a escolha dos materiais construtivos, da sua cor e textura revelam-se de extrema importância, pois têm o poder de transmitir determinados significados e emoções, acentuar características formais e ainda revelar as premissas base que estão inerentes ao projecto. Adicionalmente, estão ainda muito relacionados com o conforto que os ambientes interiores proporcionam.

Assim, seguindo a mesma linha de pensamento delineada interiormente, escolhe-se um número restrito de materiais, evidenciando as suas características (fig.60). Estes contribuem para a serenidade, simplicidade, modéstia e efeito de massa que se pretende. São unicamente as nuances e a consistência destes materiais simples, e não mecanismos sofisticados nada autênticos, que ampliam os efeitos das composições espaciais e evidencia o diálogo que os espaços travam com os elementos naturais, desde a luz ao vento, e com os indivíduos que nele habitam. Estimula-se uma percepção multissensorial do espaço, bem como uma maior intensidade no contacto entre os seus utilizadores. Pensa-se primeiramente nas pessoas e na natureza, valorizando-as, pois, na essência, são elas que conferem vida ao espaço.

A escolha dos materiais revela também uma preocupação com o contexto onde a obra está inserida. No entanto, duas atitudes distintas sobressaem, uma de aceitação passiva e outra de questionamento. Procura-se um prolongamento do contexto, da cidade antiga, utilizando materiais característicos do sítio (arenito) no embasamento, remetendo para a continuidade formal dos edifícios da envolvente. Esta é uma aceitação passiva da realidade e da história do lugar.

Porém, pela escolha da cor, questiona-se e reinterpreta-se essa mesma realidade e história. Adicionalmente, a escolha do tipo e cor do revestimento da fachada (reboco térmico pelo exterior na cor branca) nos restantes pisos denota semelhante atitude. Verifica-se simultaneamente uma integração e distinção na envolvente.

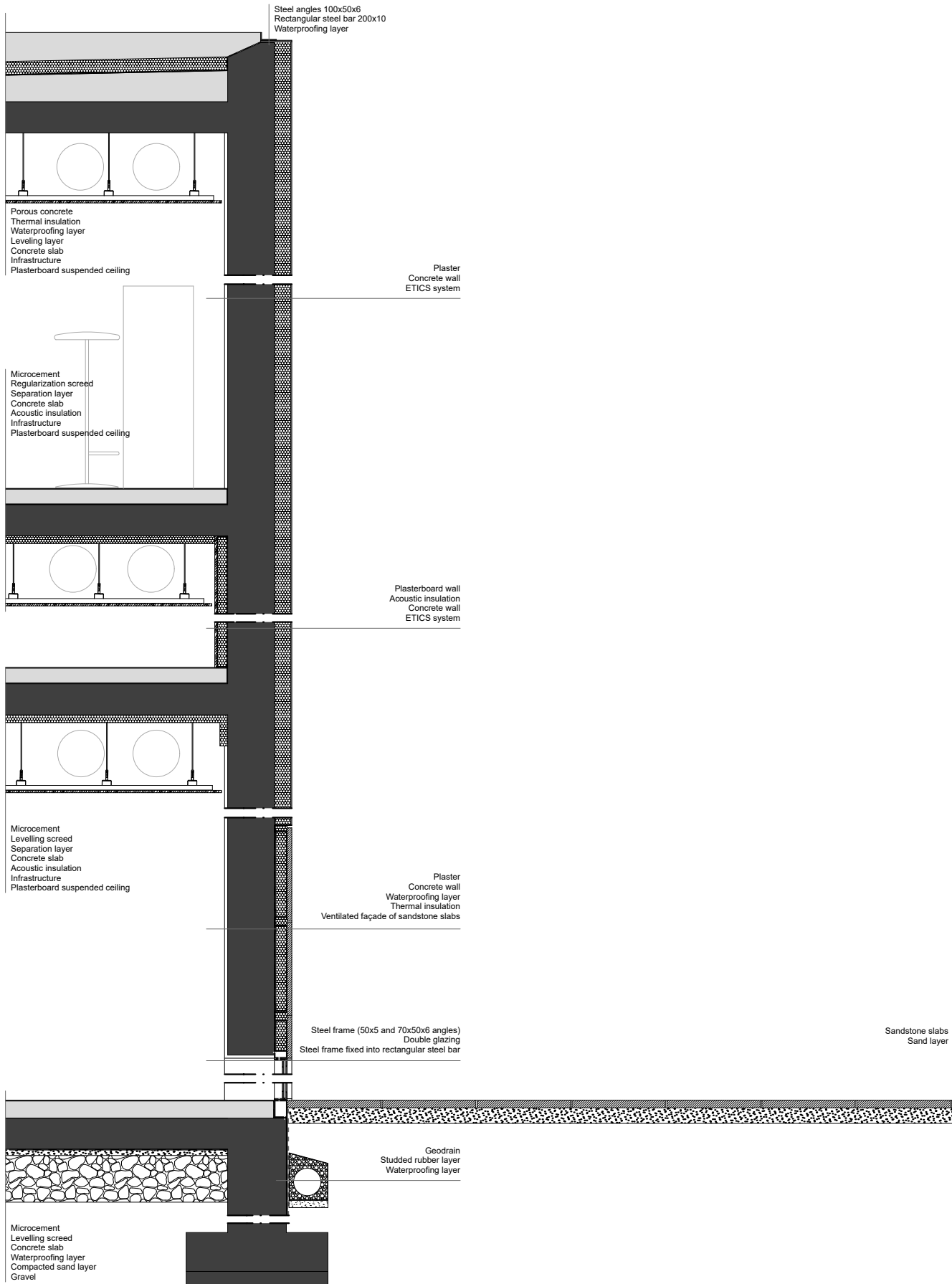
Como é natural, este material aplicado no revestimento da fachada dos pisos superiores, sofre de desgaste ao longo dos anos, por isso é necessário que sofra processos de manutenção periódica. No entanto, no embasamento e no pavimento exterior, o desgaste resultante favorece uma beleza de cores e texturas, denotando um processo de espessura temporal, de acumulação de acontecimentos, o que confere inclusivamente uma certa dimensão pictórica aos espaços.

Desta forma, o contraste cromático que se verifica juntamente com as diferentes texturas sentidas, acentuam o efeito de massa já revelado pelas próprias características formais do edifício e pela estrutura de betão armado que o sustenta.

Interiormente, aplica-se também um contraste cromático e de texturas nos diversos espaços, com o intuito de proporcionar diferentes ambientes, revelar o carácter de permanência ou circulação, bem como favorecer a mobilidade e orientação por parte dos indivíduos com fraca capacidade visual. A serenidade, simplicidade e a leitura de um efeito de massa, que se assemelha a uma fortaleza que se impõe e protege os indivíduos da perturbação exterior, são coerentes com a escolha dos materiais construtivos do espaço interior.

Para além disto, apresenta-se fundamental proporcionar boas características térmicas e acústicas, nomeadamente às paredes, pavimentos e vãos, pois são critérios de qualidade e conforto para qualquer um, mas especialmente para pessoas idosas, com algum tipo de doença ou mobilidade condicionada. Como já foi referido nos pressupostos teóricos, ao elevar os padrões da construção integram-se e adequam-se a toda a sociedade os espaços que se projectam, proporcionando uma melhor qualidade de vida, o ambiente ideal, para todos e de todos.

**Fig.60** Corte construtivo da fachada.  
**Fonte** Elaboração própria.





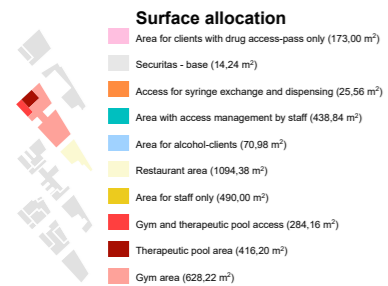
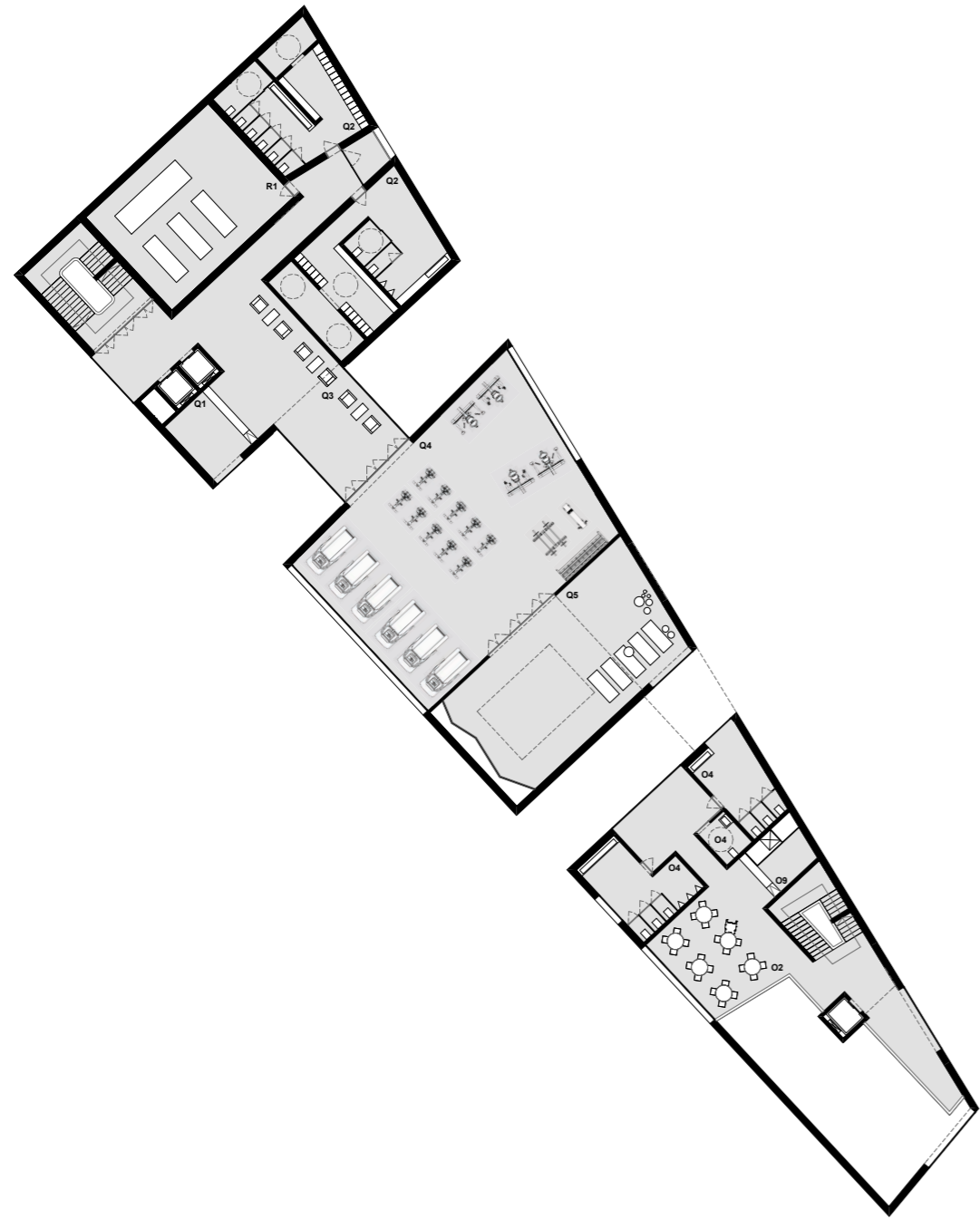
**Fig.61** Planta do piso 0.  
Fonte Elaboração própria.



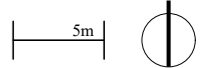
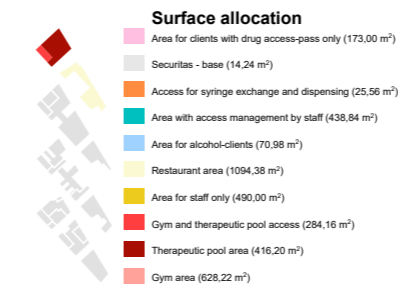
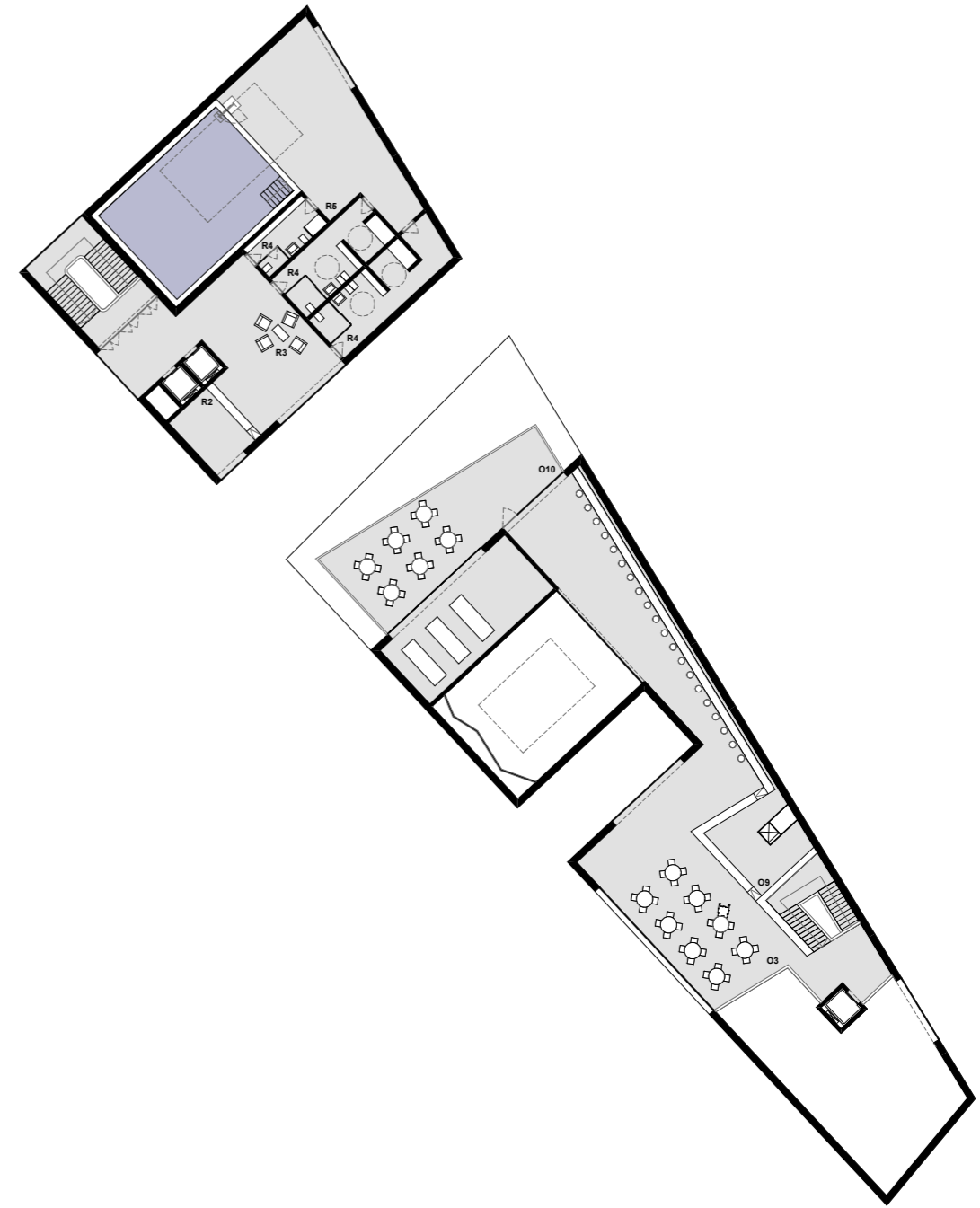
**Fig.62** Planta do piso 1.  
Fonte Elaboração própria.



**Fig.63** Planta do piso 2.  
Fonte: Elaboração própria.



**Fig.64** Planta do piso 3.  
Fonte: Elaboração própria.



**Surface allocation and area**

- A - Management area**
  - A1 - Management offices (48,82 m<sup>2</sup>)
  - A2 - Large conference room (55,53 m<sup>2</sup>)
  - A3 - Small conference room (37,71 m<sup>2</sup>)
  - A4 - Staff recreation room (64,29 m<sup>2</sup>)
- B - Consulting area**
  - B1 - Office workspaces (30,18 m<sup>2</sup>)
  - B2 - Medical care (18,38 m<sup>2</sup>)
- C - Staff**
  - C1 - Individual staff wardrobes (13,81 m<sup>2</sup>)
  - C2 - Equipmentroom (17,88 m<sup>2</sup>)
  - C3 - Staff washrooms (46,14 m<sup>2</sup>)
- D - La Strada' - base**
  - D1 - Office workspace (24,23 m<sup>2</sup>)
- E - Pinto' - base**
  - E1 - Office workspaces (25,74 m<sup>2</sup>)
- F - Infrastructure for clients**
  - F1 - Clients washroom (92,74 m<sup>2</sup>)
  - F2 - Laundry (14,01 m<sup>2</sup>)
  - F3 - Secondhand clothing-store (15,89 m<sup>2</sup>)
  - F4 - Cleaning / utilityroom, storageroom (10,00 m<sup>2</sup>)
- G - Drugs-consumers area (77,89 m<sup>2</sup>)**
- H - Separate outdoor space**
- I - Securitas - base (11,15 m<sup>2</sup>)**
- K - Registration (12,00 m<sup>2</sup>)**
- L - Access (20,80 m<sup>2</sup>)**
- M - Daylounge for drugclients (43,54 m<sup>2</sup>)**
- N - Alkistubli (89,76 m<sup>2</sup>)**
- O - Restaurant area**
  - O1 - Streetcafé (50,53 m<sup>2</sup>)
  - O2 - Café / Restaurant (110,95 m<sup>2</sup>)
  - O3 - Lounge bar (185,49 m<sup>2</sup>)
  - O4 - Toilets (116,92 m<sup>2</sup>)
  - O5 - Kitchen (29,35 m<sup>2</sup>)
  - O6 - Storage facilities (19,00 m<sup>2</sup>)
  - O7 - Beverage storage (10,00 m<sup>2</sup>)
  - O8 - Cleaning storage (16,00 m<sup>2</sup>)
  - O9 - Pantry (44,16 m<sup>2</sup>)
  - O10 - Terrace (71,02 m<sup>2</sup>)
- P - La Strada' bus parking space**
- Q - Gym**
  - Q1 - Reception (13,81 m<sup>2</sup>)
  - Q2 - Washrooms (113,27 m<sup>2</sup>)
  - Q3 - Waiting area (29,73 m<sup>2</sup>)
  - Q4 - Gym (212,46 m<sup>2</sup>)
  - Q5 - Multipurpose room (115,80 m<sup>2</sup>)
- R - Therapeutic pool**
  - R1 - Technical area (77,89 m<sup>2</sup>)
  - R2 - Reception (13,81 m<sup>2</sup>)
  - R3 - Waiting area (18,38 m<sup>2</sup>)
  - R4 - Washrooms (67,33 m<sup>2</sup>)
  - R5 - Therapeutic pool (155,00 m<sup>2</sup>)

**Fig.65** Simplicidade, serenidade, assertiva autoridade pública e sentido de intimidade conferidos pela imagem exterior do edifício.  
**Fonte** Elaboração própria.





## Considerações finais

O trabalho aqui apresentado pretendeu reflectir sobre a problemática das condições de acessibilidade, de habitação e de envelhecimento no universo urbano do Séc. XXI, tendo em consideração a articulação das complexas noções de cidade, sociedade e arquitectura, aplicadas numa circunstância de projecto para uma realidade concreta e programa específico. Esta reflexão teve em conta os objectivos à partida delineados, isto é, de entender a influência da arquitectura, do desenho do espaço projectado pelo arquitecto, na experiência e vivência efectiva, segura e prazerosa dos indivíduos, e de tomar consciência do acto de projectar considerando a importância das diferentes fases do processo arquitectónico na materialização da solução final.

Em resposta aos objectivos, conclui-se que, efectivamente, o desenho do espaço conduz a forma arquitectónica à presença, no sentido em que a materializa fisicamente na paisagem, mas também a conduz à presença dos indivíduos. No entanto, não há fórmulas pré-determinadas que especifiquem claramente as características que o desenho do espaço deve possuir, pois este depende do contexto onde se projecta e das pessoas para quem se projecta. Não se pode afirmar que uma determinada forma ou configuração espacial é, à partida, a adequada ao lugar em causa.

Pode-se, sim, detectar premissas comuns e transversais a todo e qualquer desenho do espaço. Assim, este deve permitir a integração de toda a sociedade, a utilização segura, confiante e prazerosa de todos e a experiência, compreensão e vivência plena do espaço. A experiência deve fundir percepção e compreensão, forma e conteúdo, observação e significado.

Neste sentido, denota-se que o desenho do espaço por si só não basta. Vários factores se complementam. É preciso pensar no programa a implementar, nas actividades que vão se desenvolver, nos significados que se querem transmitir e como são percebidos e compreendidos, pois é a conjugação de todos estes factores que vão proporcionar o motivo da sociedade se estabelecer e, conseqüentemente, habitar um determinado espaço. Assim, percepção e compreensão, forma e conteúdo, observação e significado complementam-se num todo único e indivisível.

É precisamente nestes aspectos que a proposta aqui apresentada se centra. Assim, para melhor relacionar todos estes factores, traduziram-se, primeiro, os pressupostos teóricos em instrumentos a aplicar empiricamente, conheceu-se o lugar de intervenção e só depois se interveio. É este processo que implica uma pesquisa exploratória prévia, que vai adicionando camadas ao conhecimento que vai ser aplicado, tanto no decorrer do projecto em causa, como nos futuros que se venham a realizar. É um processo que não tem fim. Pelo contrário, é contínuo e apresenta-se cada vez mais rico e denso. Cada

projecto realizado acarreta circunstâncias e pressupostos diferentes, o que contribui para a nossa formação como arquitectos.

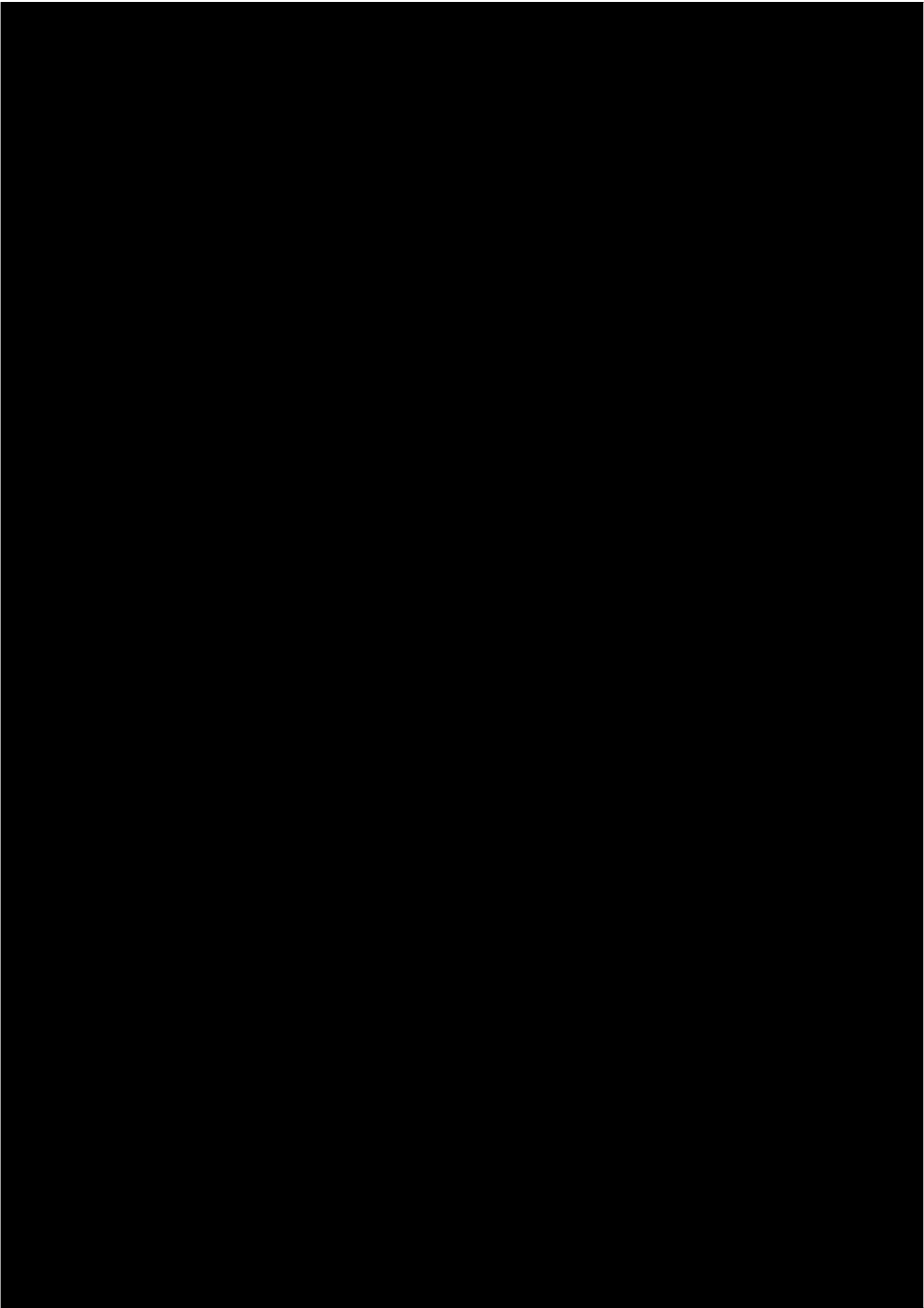
Também se percebe, com o desenrolar da proposta até ao culminar do resultado final, que o acto de projectar é feito de avanços e recuos, de dúvidas e incertezas, de uma procura incessante da melhor solução, daquela que, pensa-se, responda não só às pretensões do programa mas também às necessidades denotadas subentendidamente pela própria cidade e sociedade.

É esta transcendência do programa que é pedido e a ambição em fazer a diferença na vida das pessoas, que a solução final pretende. Desta forma, procede-se a uma regeneração urbana e social da zona de intervenção, transformando o desenho do espaço, os modos de vida, os medos e preconceitos associados, preservando e valorizando simultaneamente os elementos que caracterizam a imagem da cultura existente e que conferem imaginabilidade à zona de intervenção.

Assim, busca-se uma arquitectura ética, que dê indicações para a vida (sentido pedagógico), que não disperse mas unifique, que não segregue mas integre, que não rejeite mas convide, o mosaico de indivíduos constituintes da sociedade, independentemente das suas características e especificidades. A função dos edificios e do pedaço de cidade projectado é a de estruturar e articular a relação entre o indivíduo e o mundo, ou seja, é a arquitectura que faz a mediação entre sociedade e paisagem.

Actualmente, esta sociedade apresenta-se cada vez mais modelada pelos sistemas de comunicação, e também a arquitectura tende a tornar-se uma simples componente de um mecanismo de troca de informações, sem conteúdo e significado, que apenas pretende chamar a atenção. Através da simplicidade, serenidade e coerência implícitas em toda a proposta, pretende-se contrariar estas ideias, esta *city of spectacle*, olhando profundamente para as qualidades objectivas e materiais da arquitectura, para o que ela pode transmitir, melhorar realmente a vida de quem a vive e não satisfazer somente o ego de quem a projecta.

A percepção do outro é um valor central da arquitectura proposta. Apercebe-se da obrigação de garantir um acesso universal, autónomo, digno, principalmente por igualitário em condições e forma (elevando os padrões do projecto e da construção), a todos e quaisquer outros. Esta assume-se como uma condição absolutamente premente, pois a necessidade de projectar para todos não é um problema do futuro e sim do presente. Além disso, todos passamos por momentos de incapacidade temporária ou permanente o que faz com que tropeçemos de forma impeditiva nos obstáculos e barreiras físicas e/ou psicológicas que possam existir. Desta forma, o ambiente arquitectónico em que vivemos vai afectar-nos a todos profunda e directamente durante o nosso período de vida, pelo que se apresenta fundamental construir não só o espaço físico mas também a confiança para o vivenciar. Pensar que o propósito de viver é tirar o maior partido da vida, e o da arquitectura é melhorar o acto de viver.





## Referências bibliográficas

### Monografias, artigos, revistas e outros documentos

Ando, T., 1977. Uma Cunha nas Circunstâncias. In: Dal Co, F., 2001. *Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica*. Traduzido por M. Piriquito, Lisboa: Dinalivro, p.444.

Ando, T., 1990a. Luz, Sombra e Forma. In: Dal Co, F., 2001. *Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica*. Traduzido por M. Piriquito, Lisboa: Dinalivro, pp.458-459.

Ando, T., 1990b. Natureza e Arquitectura. In: Dal Co, F., 2001. *Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica*. Traduzido por M. Piriquito, Lisboa: Dinalivro, p.460.

Ando, T., 1990c. Vestígios de Intenções Arquitectónicas. In: Dal Co, F., 2001. *Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica*. Traduzido por M. Piriquito, Lisboa: Dinalivro, p.461.

Ando, T., 1992. Experimentar através da Sensibilidade. In: Dal Co, F., 2001. *Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica*. Traduzido por M. Piriquito, Lisboa: Dinalivro, p.467.

Andrade, A., 2009. Arquitectura Inclusiva. In: Teles, P., 2009. *Cidades de Desejo entre Desenhos de Cidades – Boas Práticas de Desenho Urbano e Design Inclusivo*. Porto: Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade.

Augé, M., 1995. *Non-places: Introduction to an anthropology of supermodernity*. Traduzido por J. Howe, Londres: Verso.

Baeza, A., 2004. *A Ideia Construída*. Traduzido por A. C. Silva. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Battle, E., 2011. *El jardín de la metrópole: Del paisaje romântico al espacio libre para una ciudad sostenible*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Bauman, Z., 2009. *Confiança e Medo na Cidade*. Traduzido por E. Aguiar, Rio de Janeiro: Zahar.

Beigel, F., Christou, P., 2012. Da cidade e da sociedade ou algumas notas sobre planeamento urbano e política. *Revista Nu*, 38, pp.30-35, 52-59.

Bettini, A., 2002. *El Milplantas: El libro de las mil plantas*. Pistoia: Maxi Editori srl.

Bins Ely, V. et al., 2006. *Jardim Universal – Espaço Público para Todos*. In: 14ª Congresso Brasileiro de Ergonomia. Curitiba, Brasil 29-2 Novembro 2006.

Bins Ely, V., Dorneles, V., 2006. *Acessibilidade Espacial do Idoso no Espaço Livre Urbano*. In: 14ª Congresso Brasileiro de Ergonomia. Curitiba, Brasil 29-2 Novembro 2006.

Borja, J., 1997. Las Ciudades como Actores Políticos. *América Latina Hoy*, 15, pp.15-19.

Boyer, M. C., 1995. The Great Frame-Up: Fantastic Appearances in Contemporary Spatial Politics. In: Liggett, H., Perry, D. C., eds., 1995. *Critical Explorations in Social/Spatial Theory*, Thousand Oaks, CA: Sage, pp.81-109.

Boyer, M. C., 1996. *The City of Collective Memory: Its historical Imagery and Architectural Entertainments*. Cambridge: The MIT Press.

Brawley, E., 2006. *Design Innovations for Aging and Alzheimer's: Creating Caring Environments*. Nova Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Bru, E., 1997. *Nuevos territorios, nuevos paisajes*. Barcelona: Museum d'Art Contemporani de Barcelona.

Bundó, J. P., Ventós, M. R., 2000. *La Ciudad no es una hoja en blanco: hechos del urbanismo*. Santiago de Chile: Ediciones ARQ.

Burton, E., Mitchell, L., 2006. *Inclusive urban design: streets for life*. Oxford: Architectural Press.

Carvalho, M., 2010. Da cidade e da sociedade ou algumas notas sobre planeamento urbano e política. *Revista Nu*, 35, pp.2-5.

Castells, M., 1997. *La Cuestión urbana: Arquitectura e urbanismo*. Traduzido por I. C. Oliván. Madrid: Siglo Veintiuno.

Centro de Estudos Sociais (CES), 2012. *Dicionário das Crises e das Alternativas*. Coimbra: Almedina.

Coelho, P., 2011. *Gonçalo Byrne*. Vila do Conde: Quidnovi.

Colafranceschi, D., 2007. *Landscape + 100 palabras para habitarlo*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Commission for Architecture and the Built Environment (CABE), 2008. *Civilised streets*. Londres: Cabe Space.

Costa, A. F., 1999. *Sociedade de Bairro*. Oeiras: Cesta Editora.

Decreto-Lei nº 163/2006 de 8 de Agosto. *Diário da República nº 152 – I Série*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

Department of Economic and Social Affairs (DESA), 2012. *World Urbanization Prospects – The 2011 Revision*. Nova Iorque: United Nations.

Domingues, A., 2009. *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne Editora.

Dramstad, W., Olson, J., Forman, R., 1996. *Landscape Ecology Principles in Landscape Architecture and Land-Use Planning*. Washington: Island Press.

Ellin, N., 2006. *Integral Urbanism*. Nova Iorque: Routledge Taylor & Francis Group.

Eurostat European Commission, 2011a. *Eurostat regional yearbook 2011*. Luxembourg: Publications Office of European Union.

Eurostat European Commission, 2011b. *Active ageing and solidarity between generations: A statistical portrait of the European Union 2012*. Luxembourg: Publications Office of European Union.

- Feddersen, E., Ludtke, I., 2009. *A Design Manual: Living for the Elderly*. Berlim: Birkhauser.
- Fernandes, F., Cannatà, M., 2009. *Territórios Reabilitados*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Ferreira, C., Gomes, C. S., 2012. A Cultura, o Turismo e as Políticas para as Cidades. In: Jacinto, R., ed., 2012. *Patrimónios, Territórios e Turismo Cultural: Recursos, Estratégias e Práticas*. Coleção Iberografias, Vol. 19, Lisboa: Âncora Editora, pp.25-47.
- Forman, R., 1995. *Land Mosaics: The ecology of landscapes and regions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fortuna, C., 1997. Destradicionalização e imagem da cidade: o caso de Évora. In: Fortuna, C., org.. *Cidade, cultura e globalização. Ensaios de Sociologia*. Oeiras: Celta, pp.231-257.
- Fortuna, C., 2002. Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergências de um novo paradigma sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, pp.123-148.
- Frampton, K., 2000. *Álvaro Siza: Complete Works*. Londres: Phaidon Press Limited.
- Gehl, J., 2010. *Life Between Buildings: Using Public Space*. Kobenhavn: The Danish Architectural Press.
- Goldsmith, S., 1997. *Designing for the Disabled: The New Paradigm*. Oxford: Architectural Press
- Goldsmith, S., 2000. *Universal Design: A Manual of Practical Guidance for Architects*. Oxford: Architectural Press.
- Gomes, C. S., 2007. *Viver no Centro da Cidade: Práticas, Discursos e Representações sobre a Baixa de Coimbra*. Oficina n°280, Coimbra: Oficina do CES.
- Gomes, C. S., 2008. Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83, pp.55-78.

Hamilton-Baillie, B., 2008. Shared Space: Reconciling People, Places and Traffic. In: Brand, R., ed., 2008. *People plus Technology: New Approaches to Sustainable Mobility*. Built Environment, Vol. 34, No 2. Oxon: Alexandrine Press, pp.161-181.

Heiss, O., Dwgenhart, C. Ebe, J., 2010. *Barrier-Free Design: Principles, Planning, Examples*. Wemding: Birkhauser.

Holl, S., 2007. *Anchoring*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.

Holl, S., 2011. *Cuestiones de percepción: Fenomenología de la arquitectura*. Traduzido por M. Puente, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Huber, A., 2008. *New Approaches to Housing for the Second Half of Life*. Berlim: Birkhauser.

Imrie, R., 2006. *Accessible Housing: Quality, Disability and Design*. Oxon: Routledge.

Jacobs, J., 2000. *The Death and Life of Great American Cities*. Londres: Pimlico.

Lawson, B., 2001. *The Language of Space*. Oxford: Architectural Press.

Leite, R. P., 2002. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), pp.115-134.

Leite, R. P., 2008. Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83, pp.35-54.

Lorzing, H., 2001. *The Nature of Landscape: a personal quest*. Roterdão: 010 Publishers.

Lousa, A. P., 2010. Medium-Large. *Revista Nu*, 35, pp.6-9.

Lynch, K., 1990. *A Imagem da Cidade*. Traduzido por M. C. T. Afonso, Lisboa: Edições 70.

Lynch, K., 1999. *A Boa Forma da Cidade*. Traduzido por J. M. C. A. Pinho, Lisboa: Edições 70.

Machabert, D., Beaudouin, L., 2009. *Álvaro Siza: Uma questão de medida*. Traduzido por V. Cabrita, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Magalhães, M., 2001. *A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa.

Magnani, J., 2002. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), pp.11-29.

Menin, S., ed., 2003. *Constructing Place: Mind and Matter*. Londres: Routledge.

Merril, M., 2010. *Louis Kahn Drawing to Find Out: The Dominican Motherhouse and the Patient Search for Architecture*. Baden: Lars Muller Publishers.

Muga, H., 2006. *Psicologia da Arquitectura*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.

Ngo, D., ed., 2002. *Louis I. Kahn: Conversa com estudantes*. Traduzido por A. D. Penna, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Norberg-Schulz, C., 1998. *Intenciones en Arquitectura*. Traduzido por J. S. Avia e F. G. F. Valderrama, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Norberg-Schulz, C., 2000. *Architecture: presence, language and place*. Traduzido por A. Shugaar, Milão: Skira.

Regnier, V., 1994. *Assisted Living Housing for the Elderly: Design Innovations from the United States and Europe*. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold.

Regnier, V., 2002. *Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the Physically and Mentally Frail*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, Inc.

Relph, E., 1987. *A Paisagem Urbana Moderna*. Traduzido por A. Carvalho. Lisboa: Edições 70.

Rémy, J., Voyé, L., 1994. *A cidade: Rumo a uma nova definição?*. Porto: Edições Afrontamento.

Sainz, J., Matos, M., Chaves, M., 1995. *Álvaro Siza*. Lisboa: Editorial Blau.

Sennett, R., 1997. *Carne e Pedra: O Corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Secretariado Nacional de Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (SNRIPD), 2007. *Acessibilidade e Mobilidade para Todos: Apontamentos para uma melhor interpretação do DL 163/2006 de 8 de Agosto*. Porto: Inova.

Silva, H., Santos, A., 2011a. *Álvaro Siza Vieira*. Vila do Conde: Quidnovi.

Silva, H., Santos, A., 2011b. *Souto de Moura*. Vila do Conde: Quidnovi.

Simmel, G., 2001. A metrópole a vida do espírito. Traduzido por C. Fortuna. In: Fortuna, C., org., 2001. *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, pp.31-41.

Simões, J. F. et al., 2009. *Uma casa para a vida: aplicação do design inclusivo à habitação*. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação, I. P..

Siza, A., 1998. Imaginar a Evidência. Traduzido por S. da Costa, Lisboa: Edições 70.

Siza, A., Santos, J. D., 2007. Álvaro Siza: el sentido de las cosas, una conversación con Alvaro Siza. *El Croquis*, 140, pp.6-61.

Otxotorena, J. M., 2003. Arquitecturas excavadas. *Arquitecturas de Autor*, 25, p.5.

Pallasmaa, J., 2005. *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*. Chichester, Inglaterra: John Wiley & Sons Ltd.

Pallasmaa, J., 2007. Experience, Emotion and Thought: Artistic encounter and the emergence of meaning. In: Baldaia, B., ed., 2012. *Thought in Form: ten essays on architecture*. Viseu: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, pp.101-105.

Pallasmaa, J., 2009a. *The Thinking Hand: Existential and Embodied Wisdom in Architecture*. Chichester, Inglaterra: John Wiley & Sons Ltd.

Pallasmaa, J., 2009b. Space, Place and Atmosphere: Peripheral perception in existencial experience. In: Baldaia, B., ed., 2012. *Thought in Form: ten essays on architecture*. Viseu: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, pp.13-21.

Pallasmaa, J., 2011a. The Touch of Light: Materiality and tactility of light. In: Baldaia, B., ed., 2012. *Thought in Form: ten essays on architecture*. Viseu: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, pp.23-29.

Pallasmaa, J., 2011b. Landscapes of Architectural Education: Architecture, knowledge and existencial wisdom. In: Baldaia, B., ed., 2012. *Thought in Form: ten essays on architecture*. Viseu: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, pp.31-39.

Pallasmaa, J., 2011c. Existencial and Aesthetic Space: The Dialectics of the Arts and Architecture. In: Baldaia, B., ed., 2012. *Thought in Form: ten essays on architecture*. Viseu: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, pp.73-81.

Pallasmaa, J., 2011d. Lived Space in Architecture and Cinema. In: Baldaia, B., ed., 2012. *Thought in Form: ten essays on architecture*. Viseu: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, pp.83-93.

Peixoto, P., 2000. Gestão estratégica das imagens das cidades: Análise de mensagens promocionais e de estratégias de marketing urbano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, pp.99-122.

Pesavento, S. J., 2007. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. *Revista Brasileira de História*, 27 (53), pp.11-23.

Pfeiffer, B. B., 2002. *Frank Lloyd Wright*. Traduzido por P. Reis, Colónia: Taschen.

Pfeiffer, B. B., 2006. *Wright*. Traduzido por J. B. P. Boléo, Lisboa: Taschen.

Pietromarchi, B., ed., 2005. *The (un)common place: art, public space and urban aesthetics in europe*. Barcelona: Actar, Fondazione Adriano Olivetti.

Purini, F., 2009. *Compor a Arquitectura*. Traduzido por M. D. Silva, Lisboa: ACD Editores.

Teles, P., 2009. *Cidades de Desejo entre Desenhos de Cidades – Boas Práticas de Desenho Urbano e Design Inclusivo*. Porto: Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade.

Wiens, J., Moss, M., 2005. *Issues and Perspectives in Landscape Ecology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Williams, T., Tsien, B., 1999. Lentitud. *2G Revista Internacional de Arquitectura*, 9, pp.129-144.

Wirth, L., 2001. O urbanismo como modo de vida. Traduzido por V. C. Figueiredo. In: Fortuna, C., org., 2001. *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, pp.45-65.

Wojgani, H., 2006. *Extra Care Housing: a paradigm shift*. Londres: Bartlett School of Graduate Studies.

Zeisel, J., 2006. *Inquiry by Design: Environment / Behavior / Neuroscience in Architecture, Interiors, Landscape, and Planning*. Londres: W. W. Norton & Company.

Zumthor, P., 2006a. *Atmosferas: Entornos arquitectónicos – As coisas que me rodeiam*. Traduzido por A. Grabow, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Zumthor, P., 2006b. *Atmospheres – Architectural Environments – Surrounding Objects*. Basileia: Birkhäuser.

### **Fontes electrónicas**

Basulto, D., 2011. *Burgo Tower / Eduardo Souto de Moura*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/122965>> [consultado em 9 Outubro 2012].

Bedoya, F., 2005. *El Hábitat: Mutaciones en la Ciudad y el Territorio*. [online] Disponível em <[www.revistatabularasa.org/numero\\_tres/gordillo.pdf](http://www.revistatabularasa.org/numero_tres/gordillo.pdf)> [consultado em 15 Novembro 2011].

Casimiro, P., 2000. *Uso do Solo – Ecologia da Paisagem: Perspectivas de uma nova abordagem do estudo da Paisagem em Geografia*. [online] Disponível em <[www.fcsh.unl.pt/docentes/pcasimiro/PDF/Revista\\_DGPR\\_N2.pdf](http://www.fcsh.unl.pt/docentes/pcasimiro/PDF/Revista_DGPR_N2.pdf)> [consultado em 12 Novembro 2011].

Commission for Architecture and the Built Environment (CABE), 2009. *Open Space Strategies: Best practice guidance*. [online] Disponível em <<http://www.designcouncil.org.uk/Documents/Documents/Publications/CABE/open-space-strategies.pdf>> [consultado em 19 Dezembro 2011].

Commission for Architecture and the Built Environment (CABE), 2009. *Public space lessons: Designing and planning for play*. [online] Disponível em <<http://www.designcouncil.org.uk/Documents/Documents/Publications/CABE/designing-and-planning-for-play.pdf>> [consultado em 19 Dezembro 2011].

Dorneles, V., 2006. *Acessibilidade para Idosos em Áreas Públicas de Lazer*. [Online] Disponível em <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PARQ0024.pdf>> [consultado em 19 Dezembro 2011]

Dorneles, V., Bins Ely, V., n.d.. *Áreas livres acessíveis para idosos*. [online] Disponível em <[http://www.4shared.com/document/MGb2Px30/REAS\\_LIVRES\\_ACESSVEIS\\_PARA\\_IDO.html](http://www.4shared.com/document/MGb2Px30/REAS_LIVRES_ACESSVEIS_PARA_IDO.html)> [consultado em 18 Dezembro 2011].

Frearson, A., 2011. *Folly for a Flyover by Assemble*. [online] Disponível em <<http://www.dezeen.com/2011/07/05/folly-for-a-flyover-by-assemble>> [consultado em 29 Setembro 2012].

Furuto, A., 2011. *Parc Paysager des bords de Seine Proposal / AWP & HHF*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/170109>> [consultado em 28 Setembro 2012].

Furuto, A., 2011. *Ptuj Archaeological Museum Proposal / Enota*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/190414>> [consultado em 2 Outubro 2012].

Guevara, S., 2003. *Paisajes en evolución: La Arquitectura del Ambiente (desde la perspectiva de un ecólogo)*. [online] Disponível em <<http://www.revista-ambiente.com.ar/imagenes/06-08-03/paisajes%20en%20evolucion.pdf>> [consultado em 15 Novembro 2011].

Hanson, J., n.d.. *The Inclusive City: what active ageing might mean for urban design*. [online] Disponível em <[discovery.ucl.ac.uk/3319/1/3319.pdf](http://discovery.ucl.ac.uk/3319/1/3319.pdf)> [consultado em 14 Setembro 2012].

Herzog, C., 2008. *Corredores verdes: expansão sustentável através da articulação entre espaços livres, conservação ambiental e aspectos histórico-culturais*. [online] Disponível em <[inverde.files.wordpress.com/2010/08/herzog\\_cecilia\\_corredores\\_verdes.pdf](http://inverde.files.wordpress.com/2010/08/herzog_cecilia_corredores_verdes.pdf)> [consultado em 5 Novembro 2011].

Jett, M., 2011. *Therapeutic Pool / meier + associés architectes*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/152847>> [consultado em 6 Outubro 2012].

King, V., 2011. *M3A2 Cultural and Community Tower / Antonini + Darmon Architectes*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/190272>> [consultado em 2 Outubro 2012].

Perez, A., 2010. *AD Classics: Solomon R. Guggenheim Museum / Frank Lloyd Wright*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/60392>> [consultado em 9 Outubro 2012].

Rocha, A., 2007. *Por uma defesa da compreensão da paisagem*. [online] Disponível em <<https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/730/1/7-12Pages%20from%20aObraNasce04.pdf>> [consultado em 5 Novembro 2011].

Saieh, N., 2011. *Sines Center for the Arts / Aires Mateus*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/131837>> [consultado em 3 Outubro 2012].

Schindler Award, 2012. *P\_2 Task*. [online] Disponível em <[http://www.schindleraward.com/2012\\_task.pdf](http://www.schindleraward.com/2012_task.pdf)> [consultado em 10 Outubro 2012].

Souza, E., 2006. *Arquitetura e Geometria*. [online] Disponível em <[http://www.usjt.br/arq.urb/numero\\_01/artigo\\_06\\_180908.pdf](http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_06_180908.pdf)> [consultado em 18 Novembro 2011].

## Figuras

Alves, L. F., n.d.. *Burgo Tower in Porto, Portugal by Souto de Moura*. [fotografia online] Disponível em <<http://0.tqn.com/d/architecture/1/0/0/z/Burgo-Tower.jpg>> [consultado em 12 Outubro de 2012].

André, Y., 2007. *Therapeutic Pool / meier + associés architectes*. [fotografia online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/07/1311393022-maa-therapeutic-pool-03.jpg>> [consultado em 6 Outubro 2012].

Assemble, 2011. *Folly for a Flyover by Assemble*. [fotografia online] Disponível em <[http://assemblestudio.co.uk/?page\\_id=5](http://assemblestudio.co.uk/?page_id=5)> [consultado em 29 Setembro 2012].

AWP-HHF, Sbda, 2011a. *Parc Paysager des bords de Seine Proposal / AWP & HHF*. [imagem online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/09/1316224312-site.jpg>> [consultado em 28 Setembro 2012].

AWP-HHF, Sbda, 2011b. *Parc Paysager des bords de Seine Proposal / AWP & HHF*. [imagem online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/09/1316224341-visitors-center-01.jpg>> [consultado em 28 Setembro 2012].

Bing Maps, 2012a. *Berna, 46°94'84.29''N, 7°4'40.46''O, elevação 250m*. [mapa online] Disponível em <<http://binged.it/SME5v1>> [consultado em 9 Outubro 2012].

Bing Maps, 2012b. *Berna, 46°94'84.29''N, 7°4'40.46''O, elevação 50m*. [mapa online] Disponível em <<http://binged.it/SMKmq5>> [consultado em 9 Outubro 2012].

Boegly, Luc, 2011. *M3A2 Cultural and Community Tower / Antonini + Darmon Architectes*. [fotografia online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/12/1323242778-mainimageantonini-darmon-architects-m3a2-photo-luc-boegly-archdaily-018.jpg>> [consultado em 2 Outubro 2012].

Department of Economic and Social Affairs (DESA), 2012a. *World Urbanization Prospects – The 2011 Revision*. Nova Iorque: United Nations, p.3.

Department of Economic and Social Affairs (DESA), 2012b. *World Urbanization Prospects – The 2011 Revision*. Nova Iorque: United Nations, p.4.

Enota, 2011a. *Ptuj Archaeological Museum Proposal / Enota*. [imagem online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/12/1323284424-enota-ptuj-archaeological-museum-20.jpg>> [consultado em 2 Outubro 2012].

Enota, 2011b. *Ptuj Archaeological Museum Proposal / Enota*. [imagem online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/12/1323284399-enota-ptuj-archaeological-museum-03.jpg>> [consultado em 2 Outubro 2012].

Eurostat European Commission, 2011a. *Active ageing and solidarity between generations: A statistical portrait of the European Union 2012*. Luxembourg: Publications Office of European Union, p.18.

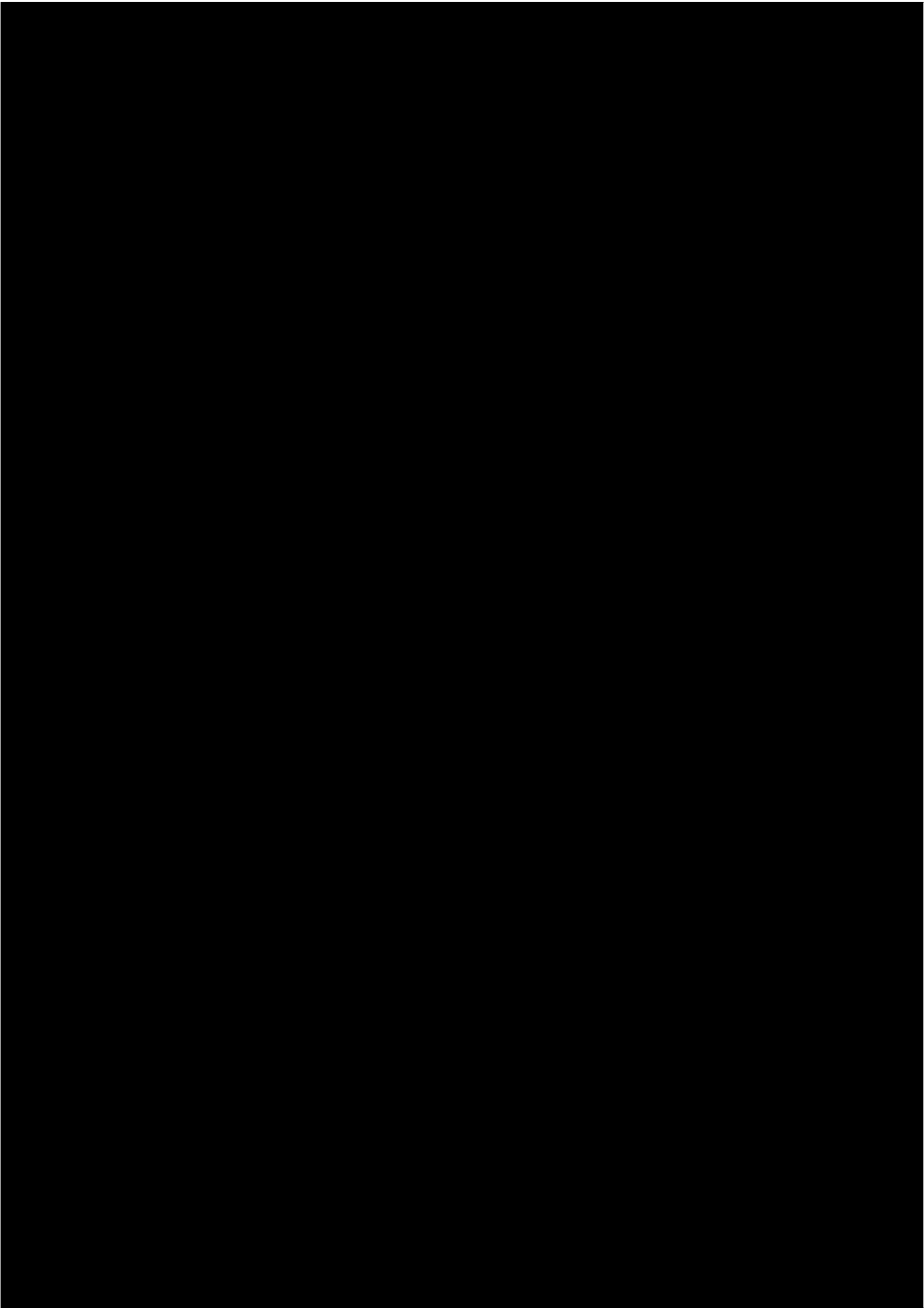
Eurostat European Commission, 2011b. *Active ageing and solidarity between generations: A statistical portrait of the European Union 2012*. Luxembourg: Publications Office of European Union, p.35.

Malhão, D., 2005. *Sines Center for the Arts / Aires Mateus*. [fotografia online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/04/1304112350-sn-pub-001-dmf.jpg>> [consultado em 3 Outubro 2012].

Mansueti, G., 1494. *Miracle at San Lio*. [fotografia online] (Gallerie dell' Accademia, Venezia) Disponível em <<http://www.wga.hu/art/m/mansueti/miracl7.jpg>> [consultado em 12 Outubro 2012].

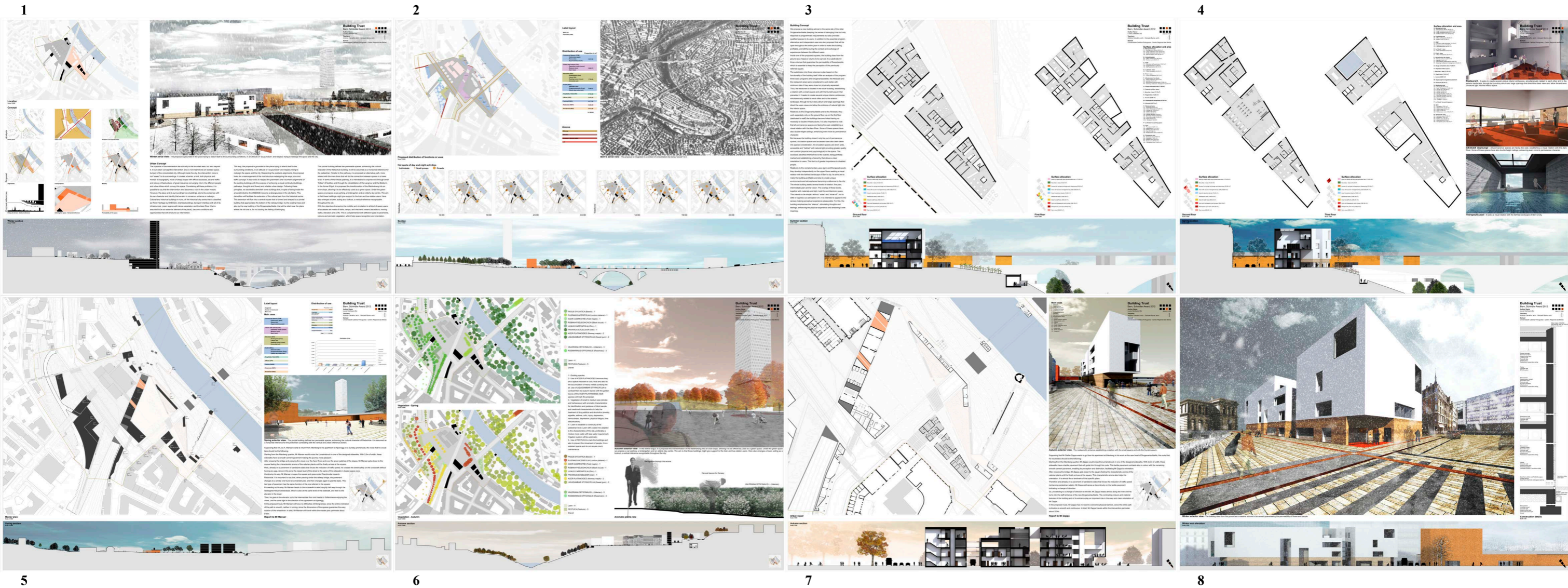
Mateus, M. A., Mateus, F. A., 2005. *Sines Center for the Arts / Aires Mateus*. [imagem online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/04/1304112579-ground-floor-plan.jpeg>> [consultado em 3 Outubro 2012].

Messina, A., 1475. *Saint Jerôme in his Study*. [fotografia online] (The National Gallery, London) Disponível em <<http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/antonello-da-messina-saint-jerome-in-his-study>> [consultado em 14 Outubro 2012].



## Anexo 1: Painéis finais de apresentação

# Organização dos painéis de apresentação



Nota: A numeração apresentada não significa a ordem de leitura dos painéis. Está relacionada com a posição de cada painel de acordo com as indicações do concurso.











### Building Concept

We propose a new building almost in the same site of the older Drogenmaifeldle (keeping the sense of belonging) that not only responds to programmatic requirements but also provides qualified spaces to its users. In addition to the essential program, alternative and independent uses are also proposed that will be open throughout the entire year in order to make the building profitable, and still favouring the contact and exchange of experiences between the different users.

Inside one of the proposed squares, the building rises from the ground as a massive volume to be carved. It is subdivided in three volumes that guarantee the permeability of livespeople, which is essential to keep the perception of the previously referred square.

The subdivision into three volumes is also based on the functionality of the building itself. After an analysis of the program, three basic programs (the Drogenmaifeldle, the Altschule and the restaurant area) were considered to work better with minimum risks if they were close but physically separated.

Thus, the restaurant is located in the south building, establishing a relation with a small square and with the Kunstmuseum that precedes it. It seeks to create several unique interior ambiances, simultaneously related to each other and to the exterior landscape, through its four-story atrium and large openings that direct the users' views and allow the entrance of natural light into the interior spaces.

Relatively to the Drogenmaifeldle and to the Altschule, they work separately only on the ground floor, as on the first floor (dedicated to staff) the buildings become linked having no necessity to double infrastructures. It is also important to note that all permeable spaces are facing the north, establishing a visual relation with the Aare River. Some of these spaces have also double height ceilings, enhancing even more its permanence.

But because the building doesn't only fit the out of permanence but also the circulation spaces and accurate ways also been taken into account. All circulation spaces are short, which are accessible and "based" with natural light providing greater quality and comfort (physical and psychological) to the space. The accesses advance themselves to the outside, being perfectly marked and establishing a hierarchy that allows a clear orientation to users. This fact is of greater importance to disabled people.

Respectively to the complementary uses (gym and therapeutic pool), they develop independently on the upper floors seeking a visual relation with the furthest landscape of Bern's city. Its aims are to make the building profitable and also to create unique environments and atmospheres becoming a reference to the city.

The whole building seeks several levels of relation: first plans, intermediate plan and far vision. The overall of these levels, together with materials and light, build the architectonic space. This intends to be simple, without "noise" and "show off", not to stiffle or oppress our conception of it. It is intended to appeal to the senses making perceptual experience pleasurable. For this, the building emphasizes the "silence", stimulating thoughts and feelings, enhancing the physical experience and endowing it with meaning.

**Building Trust**  
Bern, Schindler Award 2012  
Architects:  
Lucy Corrado OZ  
Teachers:  
Corrado, arch., Corrado Byrne, arch.  
University of Applied Sciences  
Universität des Saales (University of Applied Sciences)

**Surface allocation and area**

- A: Main entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- B: Reception area (10,00 m<sup>2</sup>)
- C: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- D: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- E: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- F: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- G: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- H: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- I: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- J: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- K: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- L: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- M: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- N: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- O: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- P: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- Q: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- R: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- S: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- T: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- U: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- V: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- W: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- X: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- Y: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)
- Z: Staff entrance area (10,00 m<sup>2</sup>)



First floor  
Scale: 1:200

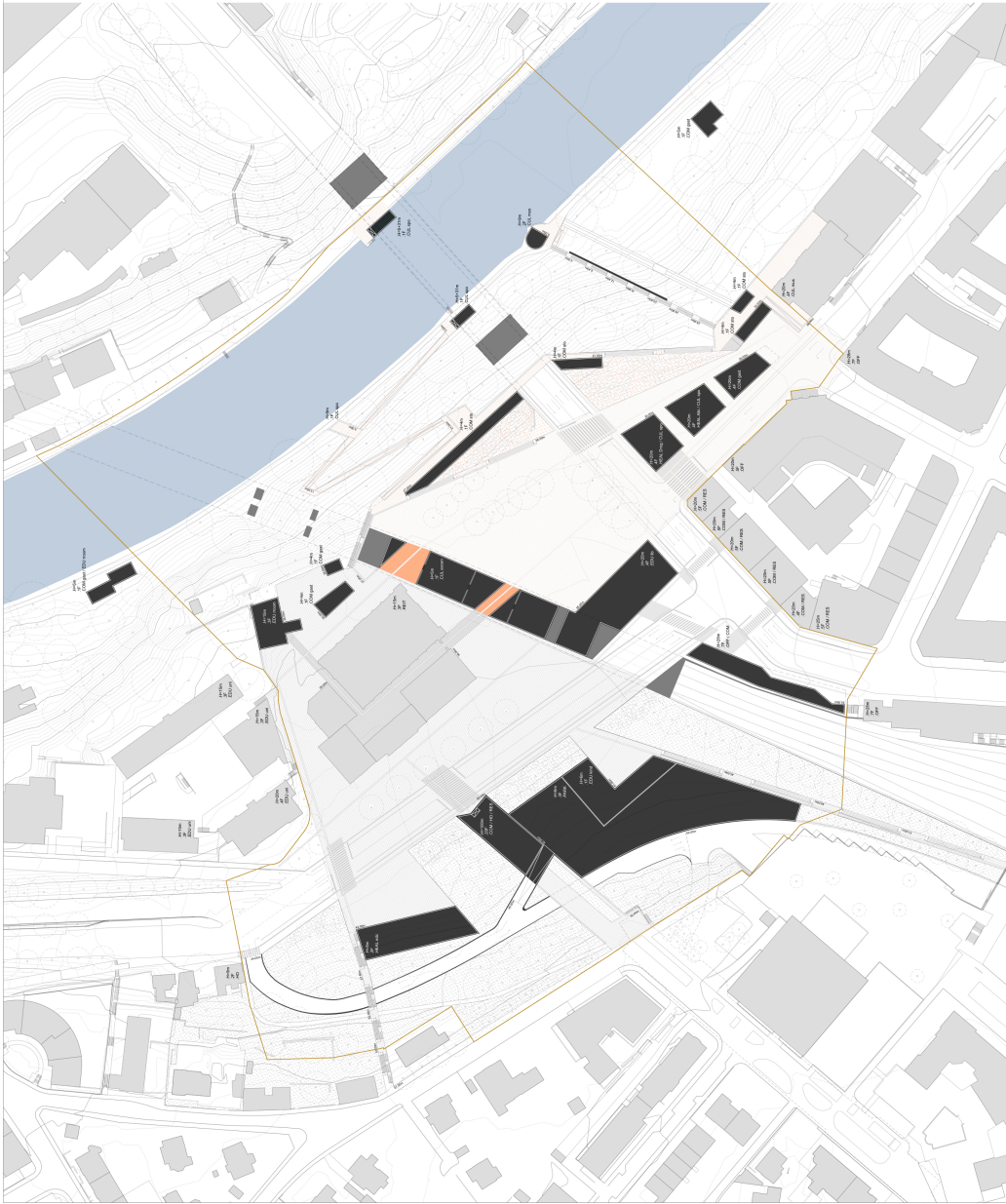


Summer section  
Scale: 1:200









**Label layout**

Height (m)  
Number of stories (F)  
Number of floors (F)

**Main uses**

**Commercial Service Zone**

Commercial (any)  
Retail (any)  
Service (any)

**Culture and Leisure (CAL)**

Recreation (any)  
Education (any)  
Health (any)

**Health (HEALTH)**

Health (any)  
Education (any)  
Recreation (any)

**Healthcare (HEALTHCARE)**

Healthcare (any)  
Education (any)  
Recreation (any)

**Office (OFF)**

Office (any)

**Parking (PARKING)**

Parking (any)

**Residential (RES)**

Residential (any)

**Distribution of use**

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

Provision (m<sup>2</sup>)  
Provision (m<sup>2</sup>)

**Building Trust**

Bern, Schneider Award 2012  
Luis Capriles, architect  
Luis Capriles, architect

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias

Teachers  
Carrións, archt. - Compañía Byroc, archt.  
School  
Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Iléias



**Spring exterior view** - The pivotal building defines two permeable spaces, enhancing the cultural character of Reischule. It is assumed as a horizontal reference for the pedestrian contrasting with the vertical and urban reference (tower).

Supporting that Mr. José A. Manser wants to return from Alenberberg to his apartment at Alpenegg on a Sunday promenade, the route that he would take should be the following:

Starting from the Alenberberg quarter, Mr Manser would cross the Lorrainebruck in one of the designed sidewalks. With 3.5m of width, these sidewalks have a smooth cement pavement making the journey more pleasant.

After crossing the bridge and enjoying the views over the Aare River and over the green patches of the squares, Mr Manser gets closer to the square feeling the characteristic aroma of the valley until he finally arrives at the square.

Here, already on a pavement of sandstone slabs that forces the reduction of traffic speed, he crosses the street safely on the crosswalk without having any gap, since in this zone the raised level of the street is the same of the sidewalk in shared-space zone.

Continuing his way, Mr Manser crosses the square and goes under Eisenbruck towards Reischule. It is important to say that, when passing under the railway bridge, the pavement changes to a similar one found at Lorrainebruck, and then changes again to granite slabs. This last type of pavement has the same function of the one referred in the square.

Proceeding on his way, Mr Manser heads to the crosswalk located roughly half way through the redesigned Neubeckstrasse, which is also at the same level of the sidewalk, and then to the elevator in the tower.

Then, he goes in the elevator up to the intermediate floor and heads to Sidelstrasse enjoying the views, until he turns right in the direction of his apartment at Alpenegg.

In the proposed route, Mr Manser will have no difficulties climbing ramps, since the entire inclination of the path is smooth, neither in turning, since the dimensions of the spaces guarantee the easy rotation of the wheelchair. In total, Mr Manser will travel within the master plan perimeter about 540m.

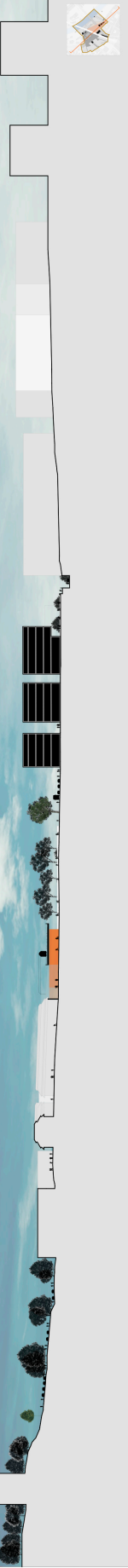
**Report to Mr Manser**

**Master plan**

June 2010

**Spring section**

June 2010











- Main uses**
- 1. Office building
  - 2. City Hall
  - 3. City Hall
  - 4. City Hall
  - 5. City Hall
  - 6. City Hall
  - 7. City Hall
  - 8. City Hall
  - 9. City Hall
  - 10. City Hall
  - 11. City Hall
  - 12. City Hall
  - 13. City Hall
  - 14. City Hall
  - 15. City Hall
  - 16. City Hall
  - 17. City Hall
  - 18. City Hall
  - 19. City Hall
  - 20. City Hall

**Building Trust**  
 Bern, Schindler Award 2012  
 Lutz Chalmers Dz  
 Teachers  
 Carrinho, arch. - Companhia Byrne, arch.  
 School  
 Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Beiras



**Autumn exterior view** - The restaurant's entrance establishing a relation with the small square and with the Kunstmuseum.

Supporting that Mr Stefan Zappa wants to go from his apartment at Alsbjerg to his work as the new head of Drogerihaus/farade, the route that he would take should be the following:

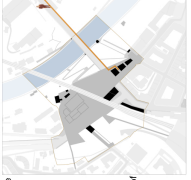
Starting from the Alsbjerg quarter, Mr Zappa would cross the corridor in one of the designed sidewalks. With 3.5m of width, these sidewalks have a tactile pavement that will guide him through his route. This tactile pavement contrasts also in colour with the remaining smooth cement pavement, leading to his perception and definition, facilitating Mr Zappa's orientation.

After crossing the bridge, Mr Zappa gets closer to the square, feeling the characteristic aroma of the vegetation plants with the freshly arrives at the square. This characteristic aroma also helps his orientation. It is almost like a landmark of that specific place.

Therefore and already on a pavement of sandstone slabs that forms the reduction of traffic speed (enhancing pedestrian safety), Mr Zappa will sense a discontinuity on the tactile pavement indicating a change of direction.

So, proceeding to a change of direction to the left, Mr Zappa heads almost along the river until the turns into the staff entrance of the new Programmalife/le. The contrasting colours and material textures of the building and its entrance play an important role in the easy and clear orientation of Mr Zappa.

In the proposed route, Mr Zappa has no need to overcome physical barriers, since the entire path indication is smooth and continuous. In total, Mr Zappa travels within the intervention perimeter about 203m.



**Report to Mr Zappa**

**Urban repair**  
 Bern, 2012

**Autumn section**  
 Bern, 2012



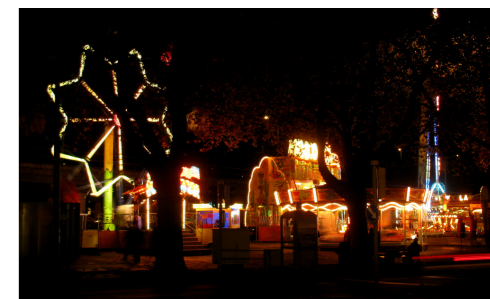
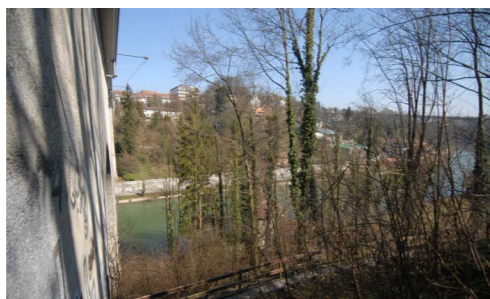
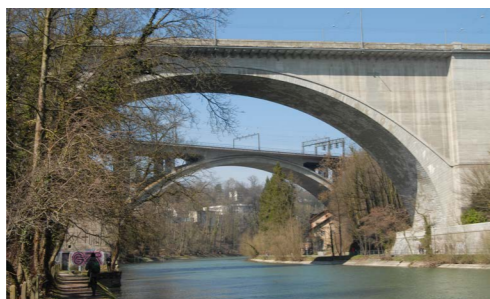
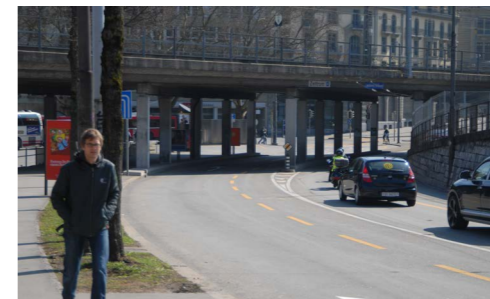






## Anexo 2<sup>35</sup>: Mosaico de fotografias da zona de intervenção

<sup>35</sup> O conteúdo do anexo foi disponibilizado pela organização do concurso (Schindler Award, 2012).



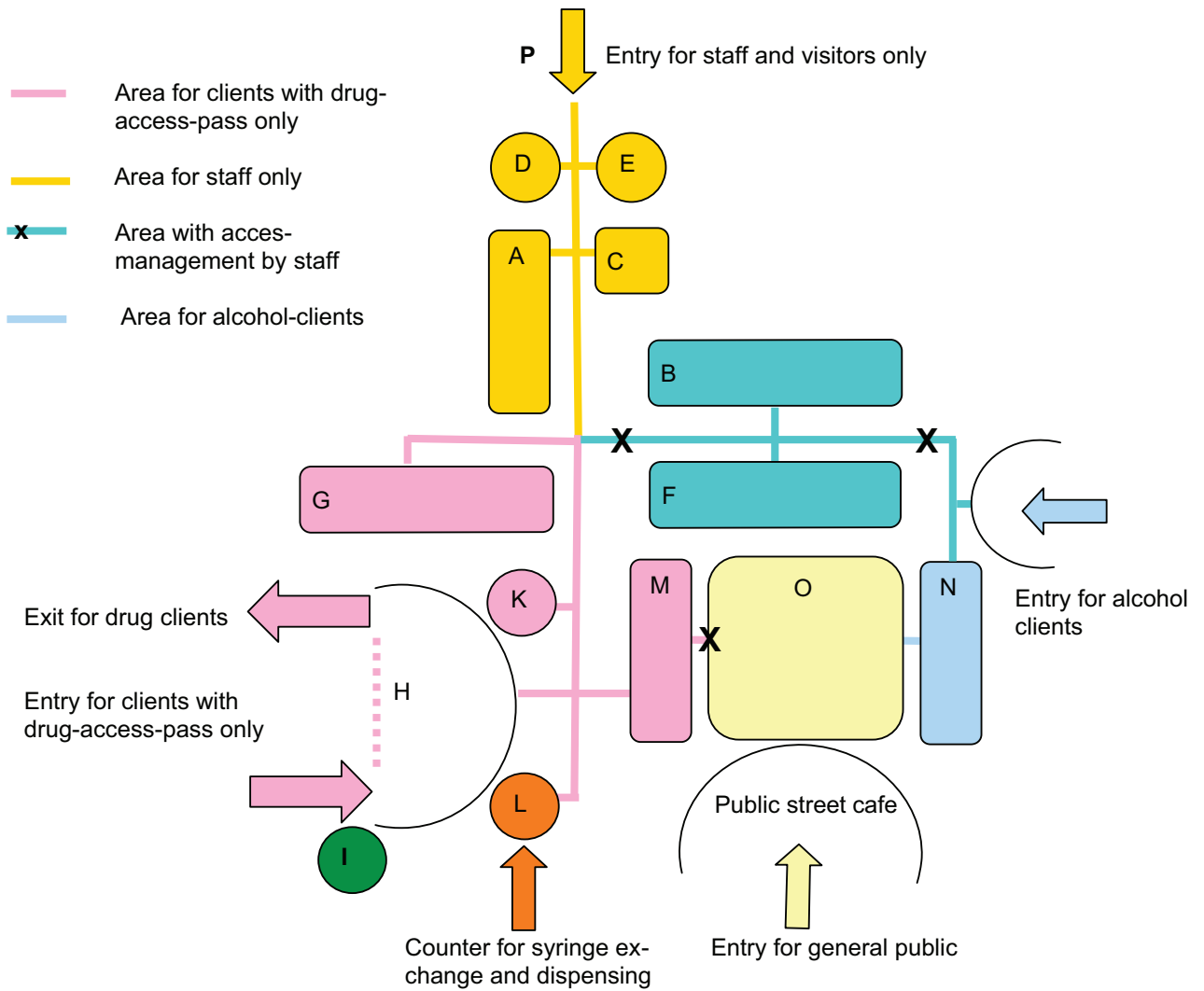


## Anexo 3<sup>36</sup>: Esquema funcional e quadro de áreas referência

<sup>36</sup> O conteúdo do anexo foi disponibilizado pela organização do concurso (Schindler Award, 2012).



# Esquema funcional



- A Management area
- B Consulting area
- C Staff Area
- D ‚La Strada‘ - base
- E ‚Pinto‘ - base
- F Infrastructure for clients
- G Drugs-consumers area
- H Separate outdoor space
- I Securitas - base
- K Registration
- L Access
- M Daylounge for drugclients only
- N ‚Alkistübli‘
- O Restaurant area
- P Parking space for the ‚La Strada‘ bus



# Quadro de áreas referência

	function	details	net surface area*
A	Management area	2 management offices, each with 2 office workspaces and meeting tables Large conference room, 16 persons Small conference room 8-10 persons Staff recreation room, Cafeteria (with outdoor area)	15 m2 each   30 m2
B	Consulting area	2 office workspaces with meeting tables Medical care	15 m2 each 15 m2
C	Staff	Individual staff wardrobes Equipmentroom Staff washrooms: (2 ladies-, 1 gentlemen toilets, 1 urinal, 2 showers)	20 m2 12 m2
D	„La Strada” - base	1 office workspace 1 meeting table, store- / equipmentroom	20 m2
E	„Pinto” - base	2 office workspaces, meeting table store- / equipmentroom	25 m2
F	Infrastructure for clients:	2 ladies-, 1 gentlemen toilets, 1 urinal, 2 showers (m/f) Laundry: Tumbler, washing machine, ironing table Secondhand clothing-store Cleaning / utilityroom, storageroom	15 m2 12 m2 12 m2
G	Drugs-consumers area	for registrated clients	80 m2
H	Separate outdoor space	separate entrance and exit, monitored by securitas (private security service)	
I	Securitas - base	counter and equipmentroom	12 m2
K	Registration	Initial contact, registration and initial consultation	12 m2
L	Access	Syringe dispensory, storageroom, separate and direct access from street	
M	Daylounge for drugclients c	including lounge area for women only, connection with restaurant is possible	total 45 m2
N	„Alkistübli”	daylounge for alcohol clients, including lounge area for women only, connection with restaurant is possible Separate outdoor area	total 45 m2
O	Restaurant area	community-center / restaurant / café: 80 seats, separated smoking area streetcafé with 40 seats additional 2 ladies-, 2 gentlemen toilets M, N und O may be connected for special events. Kitchen produces daily 40-60 meals Storage facilities: cold storage + economat beverage storage cleaning storage- and utilityroom	total 90 m2   50 m2 20 m2 10 m2 12 m2
P	Parking space	for the „La Strada” bus	



## Anexo 4: Índice de figuras



9	<b>Fig.1</b> Evolução da população urbana, rural e total, 1950-2050.
9	<b>Fig.2</b> Evolução da população urbana e rural, 1950-2050.
35	<b>Fig.3</b> Estimativa de crescimento da população e percentagem relativa de pessoas idosas.
35	<b>Fig.4</b> Percentagem de pessoas idosas em relação à população total.
68/69	<b>Fig.5</b> Vista aérea da cidade de Berna.
72	<b>Fig.6</b> Vista aérea da zona de intervenção.
78	<b>Fig.7</b> Mancha urbana.
78	<b>Fig.8</b> Análise da mancha urbana.
80	<b>Fig.9</b> Edificado relevante.
80	<b>Fig.10</b> Perfil de utilizadores do espaço.
81	<b>Fig.11</b> Manchas verdes.
81	<b>Fig.12</b> Movimentos, fluxos e permanência de indivíduos.
82	<b>Fig.13</b> Análise dos movimentos, fluxos e permanências de indivíduos.
82	<b>Fig.14</b> Infra-estruturas viárias.
84	<b>Fig.15</b> Análise das infra-estruturas viárias principais.
84	<b>Fig.16</b> Infra-estruturas de ciclovias.
86	<b>Fig.17</b> Análise das infra-estruturas de ciclovias.
86	<b>Fig.18</b> Análise do edificado relevante.
87	<b>Fig.19</b> Pontos de conflito e de interesse.
87	<b>Fig.20</b> Análise dos pontos de conflito e de interesse.
94	<b>Fig.21</b> Conceito da proposta.
95	<b>Fig.22</b> Planta de localização.
97	<b>Fig.22</b> Primeiros esboços que denotam os momentos fulcrais da intervenção.
101	<b>Figs.23/24</b> <i>Folly for a Flyover</i> , em Londres, dos arquitectos Assemble. O antes e depois da intervenção.
102/103	<b>Fig.25</b> Referência horizontal ao nível do peão, em contraste com a referência vertical e urbana da torre.
104/105	<b>Fig.26</b> Perfil ilustrativo da ligação cultural e do seu prolongamento até ao interior do edifício do Reitschule.
109	<b>Figs.27/28</b> <i>Parc Paysager des bords de Seine</i> , em Carrière-Sous-Poissy, dos arquitectos AWP & HHF. Planta de localização e imagem virtual da intervenção.

- 110/111 **Fig.29** Perfil ilustrativo da ligação com as margens do Rio Aare, da valorização das fachadas dos edifícios da envolvente e do fechamento em relação à cidade da linha ferroviária.
- 114 **Fig.30** *Miracle at San Lio*.
- 115 **Fig.31** *Torre Comunitária e Cultural M3A2*, em Paris, dos arquitectos Antonini e Darmon.
- 118 **Fig.32** Reformulação do Eilgut numa zona de parque.
- 119 **Fig.33** Distribuição da vegetação existente e proposta considerando as estações do ano.
- 120 **Fig.34** Esboços com a introdução das preocupações relativas à vegetação.
- 121 **Fig.35** Esboços com a introdução das cores respectivas da vegetação escolhida.
- 122/123 **Fig.36** Perfil ilustrativo da ligação directa com a central ferroviária.
- 124 **Figs.37/38** *Museu Arqueológico de Ptuj* dos arquitectos Enota. Planta do piso 0 e imagem virtual da intervenção.
- 126/127 **Fig.39** Fotomontagem ilustrativa da inserção da proposta na mancha da cidade.
- 128/129 **Fig.40** Perfil ilustrativo da relação da torre com o Reitschule, bem como os vários pontos de miradouro.
- 130 **Fig.41** *Torre Burgo* no Porto do arquitecto Eduardo Souto de Moura.
- 133 **Fig.42** Funções de orientação e terapia das plantas aromáticas.
- 134/135 **Fig.43** Planta referente ao *Master Plan*.
- 136/137 **Fig.44** Planta referente ao *Urban Repair*.
- 138/139 **Fig.45** *Anchoring* da proposta redesenhando o espaço e o contexto urbano.
- 145 **Fig.46** Esboços ilustrativos dos avanços e recuos no processo arquitectónico de simplificação.
- 146 **Fig.47** Esboços do processo de formação do edifício considerando a transição entre escalas.
- 149 **Figs.48/49** *Centro para as Artes*, em Sines, dos arquitectos Aires Mateus. Planta do rés-do-chão e fotografia do arruamento que subdivide os dois volumes.

- 154/155 **Fig.50** Corte transversal ilustrativo da configuração espacial da sala de apoio aos toxicodependentes, da piscina e da entrada independente para os últimos dois pisos.
- 156 **Fig.51** *Saint Jérôme in his Study*.
- 157 **Fig.52** Sala de dia dos alcoólicos ilustrativa dos vários níveis de relação e escala.
- 160/161 **Fig.53** Corte longitudinal ilustrativo do acesso ao programa dos últimos pisos, dos espaços polivalentes, de ginásio e de restaurante. Ilustra ainda a relação do conjunto edificado com as duas praças que lhe ladeiam.
- 162/163 **Fig.54** Corte transversal ilustrativo da flexibilidade de usos associada ao espaço do ginásio.
- 164 **Fig.55** *Piscina Terapêutica*, em Landeyeux, dos arquitectos Meyer + Associés. Materialização da luz que se sente como matéria.
- 165 **Fig.56** Piscina terapêutica que busca uma relação visual com a paisagem mais distante. Valorização da luz e magnificação das estações do ano.
- 168 **Fig.57** Prolongamento do restaurante em direcção à praça.
- 169 **Fig.58** Relação entre os espaços do restaurante que possibilitam a experiência da paisagem interior e exterior.
- 172/173 **Fig.59** Alçado nascente.
- 176 **Fig.60** Corte construtivo da fachada.
- 178 **Fig.61** Planta do piso 0.
- 179 **Fig.62** Planta do piso 1.
- 180 **Fig.63** Planta do piso 2.
- 181 **Fig.64** Planta do piso 3.
- 182/183 **Fig.65** Simplicidade, serenidade, assertiva autoridade pública e sentido de intimidade conferidos pela imagem exterior do edifício.









